CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

59 JUNHO 2016

www.candido.bpp.pr.gov.br

Soldia

Ilustre Curitiba

Ao longo do século XX, várias gerações de artistas fizeram da cidade uma referência gráfica, tradição que se renova a partir de linguagens e movimentos, como as *graphic novels* e os "croquizeiros urbanos"

Sagarana | **70 anos** ▪ Poemas | **Sérgio Viralobos** ▪ Perfil | **Allan Sieber**

EDITORIAL

Curitiba sempre teve vocação gráfica. O primeiro jornal da cidade, *Dezenove de Dezembro*, fundado em 1854, deu a partida para que várias gerações de artistas mostrassem seus trabalhos no meio editorial, nos mais diversos tipos de periódicos. É sobre essa tradição que a 59ª edição do **Cândido** trata.

O jornalista Ben-Hur Demeneck traça um panorama dos principais nomes das artes gráficas curitibana. De Alceu Chichorro a Poty Lazzarotto, de Rogério Dias a Rettamozo. Além da trajetória pessoal de artistas, a reportagem resgata a história de diversos jornais (*Nicolau*), revistas (*Maria erótica*) e iniciativas como a Gibiteca de Curitiba e a editora Grafipar, que nos anos 1970 se tornou referência nacional ao publicar quadrinhos que misturavam erotismo com outros gêneros, como terror, ficção científica, folclore e policial.

O especial ainda apresenta um perfil de Cláudio Seto, um dos mitos do desenho em Curitiba. Multiartista, Seto trabalhou em diversas redações de jornais na cidade, além de ter contribuído de forma decisiva para o sucesso da Grafipar. É creditado a ele também uma inusitada mistura entre o mangá e o quadrinho tipicamente brasileiro, que resultou em um desenho muito singular. Luiz Solda, outro nome incontornável da história gráfica de Curitiba, assina a capa da edição.

Entre os outros conteúdos do **Cândido**, destaque para texto de Miguel Sanches Neto, que diretamente de Portugal, onde mora atualmente, relembra o convívio que teve com o escritor catarinense Salim Miguel, morto no último mês de abril, aos 92 anos.

Já o autor curitibano Antonio Cescatto publica um ensaio sobre a obra de Karl Ove Knausgard. Fenômeno mundial, o norueguês é autor da série de romance autobiográficos "Minha Luta". Após cancelar sua presença em anos anteriores na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), o escritor está confirmado no evento que tem início no final deste mês.

E os 70 anos da publicação de *Sagarana* são lembrados em reportagem especial de Marcio Renato dos Santos. O jornalista ouviu alguns dos maiores especialistas na obra de João Guimarães Rosa, como o professor da Universidade de São Paulo (USP) Luiz Roncari, para explicar por que o livro de contos do escritor mineiro é um marco na literatura brasileira.

Entre os inéditos, destaque para os poemas do paranaense Sérgio Viralobos e do baiano Ruy Espinheira Filho.

Boa leitura!

Em 1938, quando tinha 18 anos, Poty Lazzarotto publicou uma HQ no jornal curitibano *Diário da Tarde*. A história apresentava um personagem chamado Haroldo, o homem relâmpago.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da **Biblioteca Pública do Paraná**

Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários:
Kaype Abreu e Helena Salvador

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC
Rita Solieri Brandt | coordenação
André Coelho, Bianca Franco e Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:
André Coelho, Bianca Franco, Antonio Cescatto, Ben-Hur Demeneck, Edson Bueno, Iuri Müller, Luiz Solda, Marluce Reque, Miguel Sanches Neto, Ruy Espinheira Filho e Sérgio Viralobos

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda à sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CURTAS DA BPP

Notas da Província

Aventuras Literárias com Fernanda Salgueiro

Dia 17 de junho, a escritora Fernanda Salgueiro participa do projeto "Aventuras Literárias" no auditório Paul Garfunkel, a partir das 14h30, com entrada franca. Recentemente, ela autografou, na BPP, *Fada de botas e o menino adormecido*, o segundo livro do projeto "Fada de botas", que a autora idealizou com a finalidade de incentivar a leitura. Mais informações (41) 3221-4980.

Divulgação

Uma Noite na Biblioteca

A Biblioteca Pública do Paraná realiza no dia 16 de julho a nona edição do projeto "Uma Noite na Biblioteca", acantonamento destinado a crianças de 7 a 13 anos. A inscrição é gratuita e deve ser feita diretamente na Seção Infantil da BPP — o número de vagas é limitado. Mais informações pelo telefone (41) 3221-4980.

Pesquisa revela que brasileiros leem (um pouco) mais

A mais recente pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada em junho, informa que 104,7 milhões de brasileiros (ou seja, 56% da população acima dos 5 anos) leram ao menos trechos de um livro nos últimos três meses. Em 2011, quando foi realizada a edição anterior da pesquisa, o índice era de 50%. A pesquisa ainda aponta que houve aumento nos índices de leitura per capita. Em 2011, um brasileiro lia quatro livros por ano, já em 2015 o índice chegou a 4,96. Os resultados e outras informações da pesquisa podem ser conferidos no site do Instituto Pró-Livro: http://prolivro.org.br/home

Exposição no CJAP

O Centro Juvenil de Artes Plásticas (CJAP), situado na Rua Mateus Leme, 56, no São Francisco, em Curitiba, segue até 19 de junho com a mostra coletiva "Museus e paisagens culturais: o Brasil na palma das nossas mãos", que reúne a produção de alunos da Escola Bilíngue para Surdos da Associação de Pais e Amigos de Surdos (APÁS). A exposição também terá apresentação na língua brasileira de sinais (Libras). A entrada é gratuita. Mais informações (41) 3323-5643 e/ou 3223-3805.

Reprodução

Foto: Marcello Kawase

Fotoclubismo no MON

Em cartaz na Sala 3 do Museu Oscar Niemeyer (MON) a mostra "Moderna para sempre — Fotografia modernista brasileira na Coleção Itaú Cultural". A exposição apresenta ao público um conjunto de 132 obras de 31 artistas que pertenceram ao movimento fotoclubista brasileiro, lançado no final da década de 1930. José Yalenti, José Oiticica Filho, Geraldo de Barros, Marcel Giró, Thomaz Farkas, German Lorca, Ademar Manarini e Paulo Pires são alguns dos fotógrafos que têm trabalhos nesta coletiva. A exposição, parceria do MON com o Itaú Cultural, segue até 24 de julho. Situado na Rua Marechal Hermes 999, no Centro Cívico, em Curitiba, o MON funciona de 3.ª a domingo das 10h às 18h — o ingresso custa R$ 12 e a meia-entrada sai por R$ 6. Mais informações (41) 3350-4400.

Reprodução

Blog de crítica literária

O escritor e jornalista Sérgio Tavares [foto] colocou no ar um blog totalmente dedicado à crítica literária. Trata-se de A Nova Crítica: anovacritica.wordpress.com. No endereço virtual, Tavares publica as resenhas que escreve a respeito de lançamentos do mercado editorial. Vencedor do Prêmio Sesc de Literatura 2009 com o livro de contos *Cavala*, ele colabora com os site os São Paulo Review e Homo Literatus e é colunista do jornal *Diário do Norte do Paraná*, de Maringá, e da *Gazeta Niteroiense*, de Niterói (RJ), onde vive.

O impacto Sagarana

Publicado em 1946, nove anos após ficar em segundo lugar em um concurso literário, o livro de estreia de João Guimarães Rosa renovou a literatura brasileira a partir do uso de linguagem inovadora e de um olhar inédito a respeito das relações sociais no país

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Reprodução

Guimarães Rosa percorreu a cavalo cidades do interior de Minas Gerais quando atuava como médico na década de 1930.

A publicação de *Sagarana*, em 1946, pela Editora Universal, rendeu a João Guimarães Rosa muito mais do que o Prêmio Felipe d'Olivera. O impacto do livro de contos no contexto literário brasileiro da época foi — e ainda é — imenso. O professor da Universidade de São Paulo (USP) Luiz Roncari afirma que, ao mesmo tempo que parecia retomar as estórias [expressão utilizada pelo escritor, ao invés de histórias] do velho regionalismo, que já estava desgastado, o livro rompia com tudo o que este havia produzido antes. A especificidade de *Sagarana* não passou despercebida e foi identificada, imediatamente, pelos críticos Antonio Candido e Álvaro Lins, entre outros.

"O livro dialoga diretamente com a geração que estreou na década de 1930 e mesmo com toda a tradição regionalista que o precedeu. O tipo de realismo que se vê na obra de Guimarães Rosa rompe com a preocupação com uma espécie de valor de verdade que era tão importante para a literatura brasileira da época. Isso não quer dizer que *Sagarana* se afaste da realidade brasileira, mas sim que se aproxima dela com outros meios", diz o professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Luís Bueno, autor, entre outros, de *Uma história do romance de 30* (2006, 2.ª ed. 2015) e de *Capas de Santa Rosa* (2016).

Roncari, que no momento finaliza *O Brasil de Rosa: luta, violência e morte*, observa que Guimarães Rosa fez releituras importantes da vida cultural, institucional e social brasileira, principalmente a respeito do teor violento e rústico das nossas relações. "Sertão, para Guimarães Rosa, não era o lugar exótico ou idílico como foi para os regionalistas. Para o autor, era o espaço onde a natureza sobrepujava a cultura, por isso nele predominava a lei do mais forte, a traição, a astúcia, como nas selvas entre os bichos, e a busca da vingança substituía a da justiça", analisa, acrescentando que a procura por vingança está presente em quase todos os contos de *Sagarana,* de "O burrinho pedrês" até "A hora e vez de Augusto Matraga", respectivamente, o primeiro e o último textos do livro.

Saga para estrear

Após vencer o Concurso Literário da Academia Brasileira de Letras, em 1936, com o livro de poemas *Magma* — que seria publicado depois da morte do autor, em 1997 —, Guimarães Rosa entrou, em 1937, na disputa pelo Prêmio Humberto de Campos, promovido pela Livraria José Olympio Editora, com o livro *Contos*, utilizando o pseudônimo Viator. A obra ficou em segundo lugar — Luís Jardim venceu o concurso com *Maria Perigosa.* Um dos jurados, o escritor Graciliano Ramos, encontrou sinais da "mineirice" e de uma das atividades profissionais do autor daquela versão inicial de *Sagarana:* "Certamente de um médico mineiro e lembrava a origem: montanhoso, subia muito e descia — e os pontos elevados eram magníficos, os vales me desapontavam."

Formado em Medicina em 1930, Guimarães Rosa presta concurso para o Itamaraty em 1934 e é aprovado [leia mais sobre a trajetória do autor na página 09]. Em 1938, o escritor viaja para Hamburgo, na Alemanha, onde atua como cônsul-adjunto. Durante a temporada europeia, reescreveria o livro. E, de acordo com a professora da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) Cássia dos Santos, o tempo que a obra "descansou" antes de ser publicada, em 1946, foi determinante para o seu sucesso.

Luiz Roncari estudou os manuscritos de *Sagarana*, que estão no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), na USP — desde o original datilografado, ainda com o título de *Sezão*, que seria renomeado *Contos* para disputar o Prêmio Humberto de Campos, até a sexta edição, a última que o autor acompanhou

em vida. O pesquisador garante: "Guimarães Rosa revisou cada uma delas e fez modificações."

Além da exclusão de 3 narrativas da proposta original — *Sagarana* foi publicado com 9 textos —, Roncari analisa que houve modificações "importantes e significativas" nos contos. Cada uma dessas mudanças tem um sentido particular e precisaria ser estudada, e comentada, isoladamente — foi o que ele fez em *O Brasil de Rosa: o amor e o poder* (2004). "No geral, porém, o sentido era o de apagar as pistas de leitura e referências mais explícitas que deixara, além de retirar algumas sobras dos andaimes que usara na arquitetura da composição", explica.

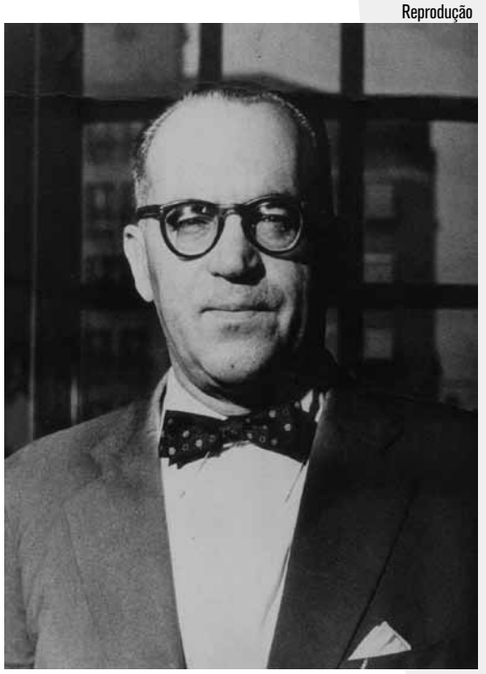
Universo simbólico

O diferencial de *Sagarana*, na avaliação de Luís Bueno, é uma forma de ver a literatura, sobretudo a literatura moderna no contexto brasileiro — país, na definição do especialista, onde a modernização sempre foi um processo complicado, profundamente excludente. "Isso tem impacto em todos os níveis narrativos, do vocabulário aos nomes das personagens, da descrição ao andamento do enredo", enfatiza o professor da UFPR.

Escrito em terceira pessoa por um narrador onisciente, que não participa da trama, o conto "A volta do marido pródigo" é uma recriação da parábola bíblica "A volta do filho pródigo", em que um personagem, Lalino Salãthiel, vende e — por meio de astúcia — recupera a esposa. Já "Corpo fechado" traz uma narrativa em primeira pessoa na qual o narrador está envolvido em um enredo que trata de amor e outras questões complexas.

Futuro no passado em Sagarana

Reprodução



O professor da USP Luiz Roncari lembra que todo escritor deveria traçar o seu próprio caminho, sabendo – porém – que para seguir por qualquer vereda sempre dependerá do passado e da tradição literária. "Quanto melhor conhecê-los e dominá-los, maiores recursos terá para a realização da sua própria obra", observa.

O comentário, evidentemente, diz respeito a Guimarães Rosa. Quando surgiu, em 1946, *Sagarana* trazia novidades. O pesquisador comenta que essa sensação, de novo e de ineditismo, se repetiria nos dois livros seguintes, *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*, ambos publicados em 1956, mas com muito maior desenvolvimento e melhor acabamento – o que acentuou mais ainda a repercussão inicial.

"Esses livros dialogavam com muitos autores da literatura universal, como Goethe, Dante, Homero, Plotino, Heidegger, já relativamente estudados pela crítica, mas também com nomes da literatura brasileira, como Graciliano Ramos, Afonso Arinos, Machado de Assis, Mário de Andrade, e, por incrível que pareça, menos vistos e explorados. O seu parentesco com Euclides da Cunha foi mais e melhor percebido e analisado", diz Roncari.

Especificamente em relação à *Sagarana*, Roncari considera notável o caráter experimental das narrativas. "Guimarães Rosa usa para cada um dos contos modelos diferentes de composição retirados da literatura antiga e clássica, como do romance greco-romano, das hagiografias, das narrativas de Chaucer, do *Canterbury Tales*, do romance picaresco e outros. Em cada narrativa o escritor experimenta um tipo diferente de composição, como se estivesse procurando um caminho para o que desenvolverá depois."

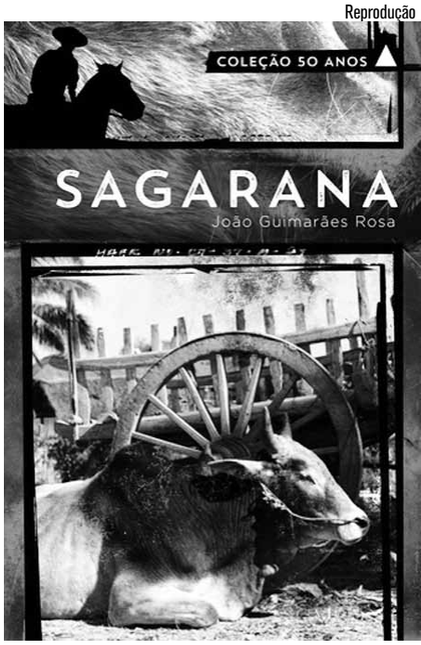
A professora da PUCRS Ana Maria Lisboa de Mello cita a obra de Simões Lopes Neto, sobretudo *Contos gauchescos* (1912), como precursora de procedimentos utilizados por Guimarães Rosa: "Mas o escritor mineiro avança no sentido de diminuir a distância entre narrador culto e personagens rústicas do sertão, entre homens e animais, por meio de recursos como o discurso indireto livre e a alternância de pontos de vista."

No entendimento de Bueno, os contos de *Sagarana* exigem um leitor mais aberto, disposto a pensar em termos de analogias e aproximações ao invés de ficar preso a relações imediatas e lineares, de causa e consequência entre os fatos narrados, por exemplo. "Cada conto, além de um enredo, instaura aquilo que podemos chamar de um universo simbólico próprio, que se manifesta nos detalhes aparentemente mais banais. A posição do narrador, os pontos de vista que ele apresenta ao leitor e, na contramão, os pontos cegos que ele têm, aquilo que ele não percebe, tudo isso também faz parte desse jogo e contribui para instaurar esse universo simbólico", afirma o estudioso.

As narrativas de *Sagarana* — como lembra a professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Ana Maria Lisboa de Mello — são inspiradas na vivência do autor, nascido em Cordisburgo, no interior de Minas Gerais, cidade cercada de fazendas e montanhas, onde ele viveu durante a infância.

"No cenário desse sertão surgem questões, conflitos comuns aos homens de todas as épocas: disputa de poder, traição, vingança, crueldade e remorso. São situações que revelam a natureza humana, de certo modo serenamente, porque essa é uma realidade inexorável", diz Ana Maria, citando dois contos cujo foco são os animais: "O burrinho pedrês" e "Conversa de bois". "São narrativas que apontam para a crueldade humana e, nestes casos, os animais são mostrados como mais sábios do que os homens", comenta.

Reprodução



Capas de *Sagarana* em edições publicadas nas últimas sete décadas.

"Sertão, para Guimarães Rosa, não era o lugar exótico ou idílico como foi para os regionalistas. Para o autor, era o espaço onde a natureza sobrepujava a cultura, por isso nele predominava a lei do mais forte."

Luiz Roncari

MEMÓRIA LITERÁRIA | JOÃO GUIMARÃES ROSA

Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros – USP / Reprodução.

O escritor Mário Palmério, o editor José Olympio e Guimarães Rosa, no Rio de Janeiro em 1958.

Ao modo de um canto heroico

Sagarana, título formado a partir de saga (de matriz germânica, "canto heroico") e rana (do tupi, "ao modo de"), traz máximas, provérbios e frases marcantes em meio aos enredos. Em "Conversa de bois", o leitor encontra a afirmação: "O medo é uma pressa que vem de todos os lados, uma pressa sem caminho." "A hora e a vez de Augusto Matraga" tem inúmeras dessas construções verbais, por exemplo: "Não faz assim, seu moço, não desespera. Reza, que Deus endireita tudo... P'ra tudo Deus dá o jeito!"

A professora da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) Mônica Gama diz que Guimarães Rosa brinca com o efeito dos ditados populares. A pesquisadora conta que o autor colecionava provérbios — antigos e novos, de diferentes regiões brasileiras, mas ele também desconstruía, reformulava e até criava novos ditos. "Na narrativa de Guimarães Rosa, o provérbio quebra o ritmo do enredo para inserir momentos de interpretação do narrador. Quando o autor transforma os provérbios, revela-se a situação do narrador que enreda o leitor por meio de um discurso que simula uma forma textual ligada ao senso comum, mas que desloca os significados preestabelecidos", explica.

Luís Bueno chama a atenção para o uso de "andar no mato sem cachorro", que aparece em "A volta do marido pródigo" e também no conto "São Marcos". "Só que neste último caso, o narrador está mesmo perdido no mato e, como já nos informara antes, não leva cachorro consigo. A expressão é usada em sentido literal e, com isso, ganha uma outra dimensão", afirma, acrescentando que Guimarães Rosa é um mestre na ressignificação do clichê verbal: "É muito difícil analisar de maneira geral essas frases, já que o efeito depende diretamente de seu encaixe no corpo de cada conto. De toda maneira, é possível dizer que, nesses momentos, a fusão mais profunda entre o universo das personagens populares e da chamada alta literatura se dá de forma que tanto a 'sabedoria popular' como a narrativa moderna surgem renovadas e o lugar-comum se reveste de grande novidade."

Inimitável

O professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Pedro Marques afirma que Guimarães Rosa se beneficiou de um universo já elaborado anteriormente por outros autores, como Bernardo Guimarães (1825-1884), Afonso Arinos (1868-1916), Valdomiro Silveira (1873-1941) e Monteiro Lobato (1882-1948). "O autor de *Sagarana* não é pioneiro quanto a esse tipo de temática. Sua novidade está mais para a maneira como aproveita e refunda a expressão e mundo caipiras, sobretudo quando desenha o próprio caipira a narrar seus feitos e dores", diz.

Luís Bueno ressalta, como já foi mencionado anteriormente, que *Sagarana* participa de uma longa tradição literária brasileira, chamada por alguns de regionalista, e dialoga fortemente com ela. "Mas, ao mesmo tempo, encontra um outro ponto de vista a partir do qual vai representar esse universo sertanejo. Assim como se depreende da obra de Graciliano Ramos, por exemplo, para ficarmos com o jurado que tirou o prêmio do livro, trata-se de uma visão que desconfia dos benefícios da modernidade", explica.

De acordo com o professor da UFPR, Guimarães Rosa parte de uma desconfiança específica a respeito da lógica do pensamento moderno — o pensamento racional que Rosa

caracterizaria numa carta como "a megera cartesiana" — e que tem grande afinidade com a lógica de outra natureza que se mantém nas margens da modernidade: "Daí a importância que têm, em sua obra, não apenas o pensamento dos sertanejos ainda não plenamente incluídos na vida moderna, mas também a dos loucos e a das crianças. A linguagem, que é sofisticada por trabalhar num espaço de fusão entre a língua falada no interior e a do alto letramento, caminha lado a lado com essa espécie de ótica nova que ele injeta na literatura brasileira."

Luiz Roncari analisa que Guimarães Rosa foi tão singular, que é difícil apontar algum herdeiro literário. "Aliás, é raro um escritor deixar herdeiro, talvez seguidores. Os que tentaram correr no leito aberto por Guimarães não deram muito certo", comenta. Já Luís Bueno acredita que o legado rosiano tem grande impacto sobre os escritores brasileiros, mesmo nos veteranos. É possível, por exemplo, ver no último romance de José Lins do Rego, *Cangaceiros* (1953), uma inflexão de linguagem que busca dialogar com a de Rosa. "O mesmo se pode dizer de novos autores que surgiriam logo em seguida, como é o caso de Mário Palmério, que foi muito importante e hoje anda esquecido. A influência direta, no entanto, é muito difícil de se localizar. A especificidade de Guimarães Rosa é tão marcante que muitas vezes faz soar como mero pastiche textos que se aproximem demais de seu estilo", afirma Bueno.■

"A gente morre é para provar que viveu"

João Guimarães Rosa nasceu dia 27 de junho de 1908 em Cordisburgo, no interior de Minas Gerais. Criado em um ambiente religioso, ouve estórias, contadas na venda de seu pai, e se torna um leitor compulsivo. Em 1917, passa a viver em Belo Horizonte. Conclui o curso de Medicina e se casa com Lygia Cabral Penna em 1930. No ano seguinte, inicia a carreira de médico em Itaúna (MG). É nomeado inspetor da Secretaria de Educação e Saúde Pública de Itaguara em 1932.

Em 1934, ingressa no Itamaraty. Quatro anos depois, viaja para Alemanha e atua como cônsul-adjunto em Hamburgo. Conhece Aracy Moebius de Carvalho, paranaense de Rio Negro, que viria a ser a sua segunda esposa. Publica *Sagarana* em 1946. Escreveria outros livros notáveis, entre os quais *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) e *Primeira estórias* (1962).

É eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) dia 6 de agosto de 1963, toma posse da cadeira 2 da instituição apenas em 16 de novembro de 1967 e morre três dias depois. O escritor é enterrado com óculos para miopia – cumprindo um pedido feito à família. Rezava diariamente, conhecia várias línguas – alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, etc –, gostava de animais, de tamanduás a bois, tinha gatos no apartamento em Copacabana [foto, ao lado da esposa] em que viveu da década de 1950 até morrer. Lá, também conviveu com o papagaio Louro que, de acordo com o autor, gostava de ouvir Wagner, detestava samba e delirava de contentamento quando chovia.

Obs.: A frase que dá título a esta retranca foi pronunciada por Guimarães Rosa em seu discurso de posse na ABL.

Jornal *Rascunho*

Pequeno museu de uma amizade

Miguel Sanches Neto narra alguns episódios de seu convívio de mais de duas décadas com o escritor Salim Miguel, morto em abril deste ano

Talvez fosse o ano de 1990, talvez de 1991. Eu vagava pelo campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) quando soube que um grupo de escritores falaria de sua participação em uma revista jovem – a Sul —, publicada na Ilha a partir do final dos anos 1940. Foi a oportunidade de, na condição de ouvinte, conhecer Salim Miguel (1924-2016) e Eglê Malheiros. Salim falou que se sentia uma verdadeira peça de museu com aquela homenagem. Eglê, numa delicadeza que é a sua marca, tratou dos outros poetas da época e não de sua própria poesia. Estava também na mesa Adolfo Boos Júnior (1931-2014) — que ficou o tempo todo lendo o rótulo da garrafa de água que lhe serviram. Lembro-me disso porque esta é hoje uma de minhas manias em eventos de que participo. Na saída, em um corredor, troquei algumas palavras com Salim, então responsável pela Editora da UFSC. E fiquei com uma boa impressão daqueles ex-jovens que balançaram o conformismo artístico de Santa Catarina nos anos 1950.

Não sei como nos aproximamos, mas foi através de uma das três pessoas com que eu mantinha laços de amizade e que eram muito ligadas a eles — minha colega no mestrado Inês Mafra, o bibliófilo Iaponan Soares (1936-2012) e a professora Zahidé Muzart (que morreu em 2015). Foi provavelmente esta última amiga que me colocou em contato com Salim e Eglê. Só sei que, já morando de novo no Paraná, em meados dos anos 1990, tornei-me um conhecido do casal. Mas só em 2000, quando Salim Miguel lançou pela Topbooks um de nossos melhores romances de auto-

ficção, *Nur na escuridão*, é que nos aproximamos de fato. Escrevi uma resenha deste livro, reconhecendo o valor literário de uma obra que mesclava os relatos memorialísticos do filho (Salim) e os diários de seu pai, traduzidos para o português. Salim havia nascido em Kfarssouron, no Líbano, tendo chegado ao Brasil na primeira infância. O livro unia duas línguas (já no título), dois países, duas gerações. Eu era, de certa forma, um leitor ideal deste relato, pois tinha publicado um título de autoficção meses antes. Merecidamente, esta narrativa transgeracional ganharia, no ano 2000, o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de melhor romance e, em 2001, o Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, tirando o autor de um destino mais ou menos local a que havia sido confinado depois de uma grande atuação nos centros do campo do poder jornalístico.

Como resultado, sua obra passou a ser editada e reeditada pela Record e Salim Miguel conheceu os melhores momentos de sua carreira como escritor. Neste período, já éramos camaradas. Sempre que eu me permitia uma estação de praia em Santa Catarina, arranjávamos uma tarde para conversar na sua casa de veraneio em Cachoeira do Bom Jesus. Foi nestas palestras de verão que desenhamos um plano. Eu havia feito a edição *fac-similar* da revista *Joaquim*, publicada em Curitiba entre 1946 e 1948, por Dalton Trevisan, proposta que tinha deflagrado em todo o Brasil o surgimento de publicações jovens, entre elas a *Sul*. Imaginamos então uma reedição da revista catarinense a cargo do governo do Paraná. Teria sido um delicioso escândalo. O projeto, infelizmente, não vingou, mas valeu pelas muitas horas de conversa com Salim e Eglê.

De passagem por Florianópolis, que frequentei muito neste período, sempre me reunia com o casal, no apartamento deles nas imediações da UFSC ou em algum restaurante da Baía Norte. Como crítico literário, escrevi sobre outros lançamentos de Salim, mas com uma impressão de que o seu grande livro era *Nur na escuridão*. O Turco, Jamil Snege (Curitiba, 1939-2003), grande amigo em comum, afirmava que este era o canto do cisne de Salim. E a cada novo título dele sentiríamos exatamente isso. Há livros que condensam uma obra, uma vida. Neste caso, duas vidas.

A esta altura, ficamos um tempo sem nem mesmo trocar correspondência. Quando voltei a receber e-mails de Salim, por volta de 2005, eles vinham em letras muito grandes. Achei estranho, mas preferi não comentar nada. Em um encontro casual em Santa Catarina, cheguei perto dele para o saudar e ele não me reconheceu. Ingenuamente, disse: sou eu, Salim.

— Não sei quem é você. Tudo que vejo é um borrão.

Salim estava ficando cego. Assim que me apresentei, contou-me que um médico que o atendia era o mesmo que estava revertendo a cegueira de Jorge Amado. Estava animado. Reclamava não poder ler tanto quanto era acostumado, mas não deixou de escrever, usando fontes imensas na tela do computador.

Algum tempo depois, ele me transmitiu uma obrigação. Como eu não havia conseguido reeditar a *Sul*, devia fazer uma seleção de outra revista que ele e Cícero Sandroni, entre outros, publicaram nos anos 1970, e que revolucionou o mercado do conto brasileiro — eram tiragens altíssimas de uma publicação com o único compromisso de cativar o leitor.

Trabalhei algum tempo neste projeto, preparando o volume *Ficção: histórias para o prazer da leitura* (Editora Leitura, 2007). Lançamos na Academia Brasileira de Letras e, em fevereiro de 2008, na Barca dos Livros, na Lagoa da Conceição. Participei então de uma mesa com os antigos editores, pregando para convertidos. Foi uma noite agradável, na qual, de certa forma, repetia-se o primeiro encontro com Salim. Agora eu não era parte da plateia, estava do outro lado da mesa. Fiquei um longo tempo lendo as informações minerais sobre a água que nos serviram. Depois falei do trabalho de organizar uma seleção de material tão variado.

Foi a última vez que estive com Salim.

Trocamos ainda alguns e-mails. Recebi edições mais locais de seus livros, embora eu já não fizesse crítica. Também parei de ir a Florianópolis. Mas sempre me informava de Salim por meio de amigos, acompanhando os seus problemas de saúde. Na idade perigosa em que vou entrando, isso já não é mais uma questão apenas de interesse pelo outro. Estamos todos ali, olhando para a fronteira móvel que a qualquer momento podemos cruzar.

Enquanto escrevo este texto, faço uma contabilidade macabra. Dos nove amigos que citei, cinco estão mortos. Chegou a minha vez de me sentir peça de museu.■

Miguel Sanches Neto é doutor pela Unicamp (1998) e professor-associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde atua no Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade. Autor de mais de 30 livros, como os romances *Chove sobre minha infância* (Record), *Um amor anarquista* (Record) e *A máquina de madeira* (Companhia das Letras), traduzidos para o espanhol e para o francês. Lançou em 2015 o romance de história alternativa *A segunda pátria* (Intrínseca), sobre os nazistas no sul do Brasil, e em 2016 sai *A Bíblia de Che* (pela Cia. das Letras), um policial que se passa em Curitiba, Cuba e Bolívia. Recebeu, entre outros, o Prêmio Cruz e Sousa (2002) e Binacional das Artes e da Cultura Brasil-Argentina (2005).

POEMAS | SÉRGIO VIRALOBOS

Acabou-se nosso tempo

Nessa vida

Não há mais o que fazer

Vamos deixar pra depois

Quem sabe não sou

Seu próximo par?

Te amo se bem me lembro

Isso se ressuscita

A dor e o prazer

Podemos renascer em dois

O pior já passou

Mas vai voltar

Te dei o pouco que não tive

Você aceitou por baixo do pano

Foi um amor em crise

Flor carnívora amando vegano

Voltou pra mim em rima livre

Reguei demais por engano

Orquídea que diva vive

Com uma gota de água por ano

Debaixo de chuva

Contra corrente de gente

Sob fogo cruzado

Apesar da agonia

Te amo mais um ano

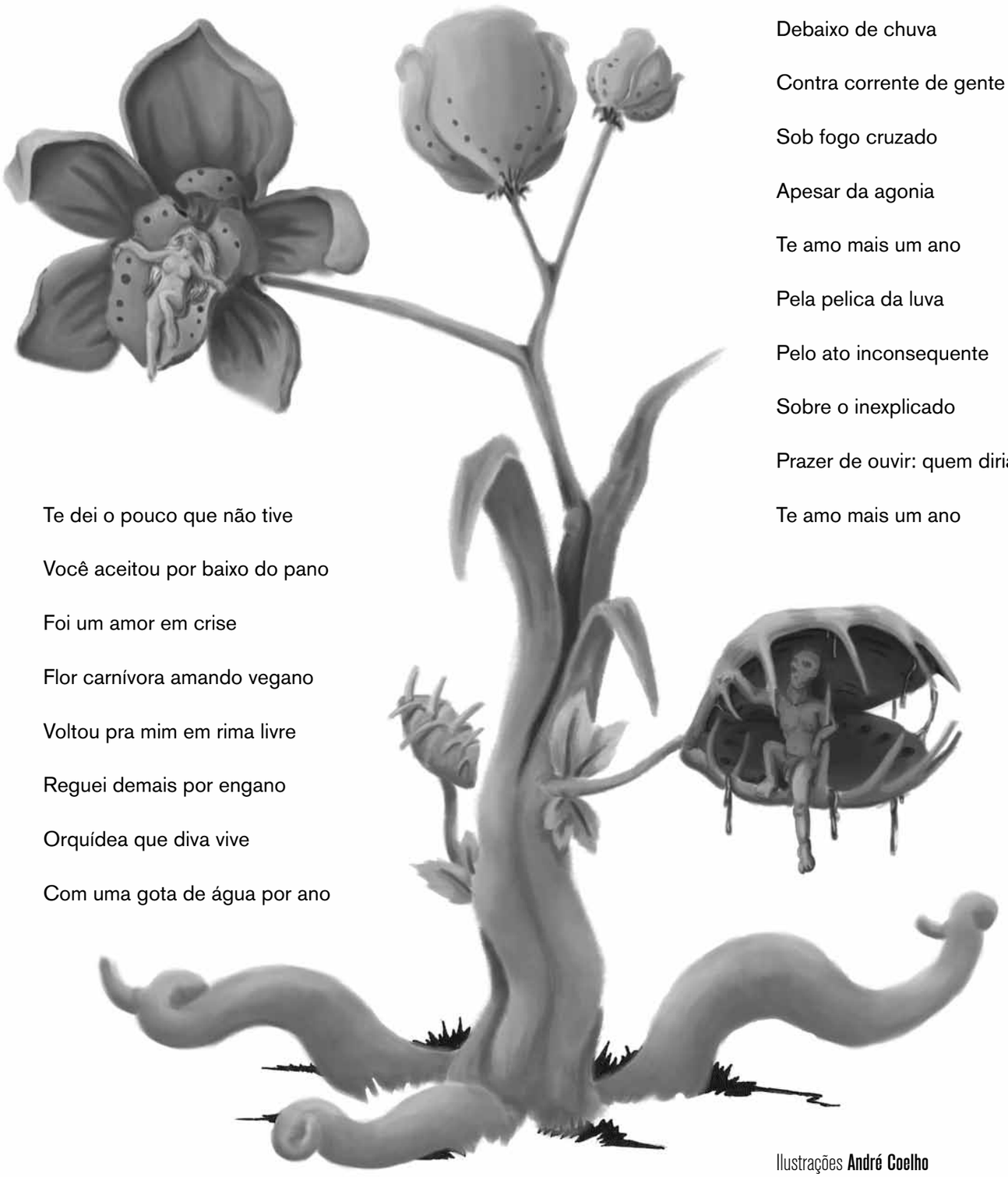
Pela pelica da luva

Pelo ato inconsequente

Sobre o inexplicado

Prazer de ouvir: quem diria?

Te amo mais um ano



Ilustrações **André Coelho**

JOGO JOGADO

Vestir xadrez

Pra dama branca

Trocar a torre

Pelo peão

Mais uma vez

Quebrar a banca

De pôquer podre

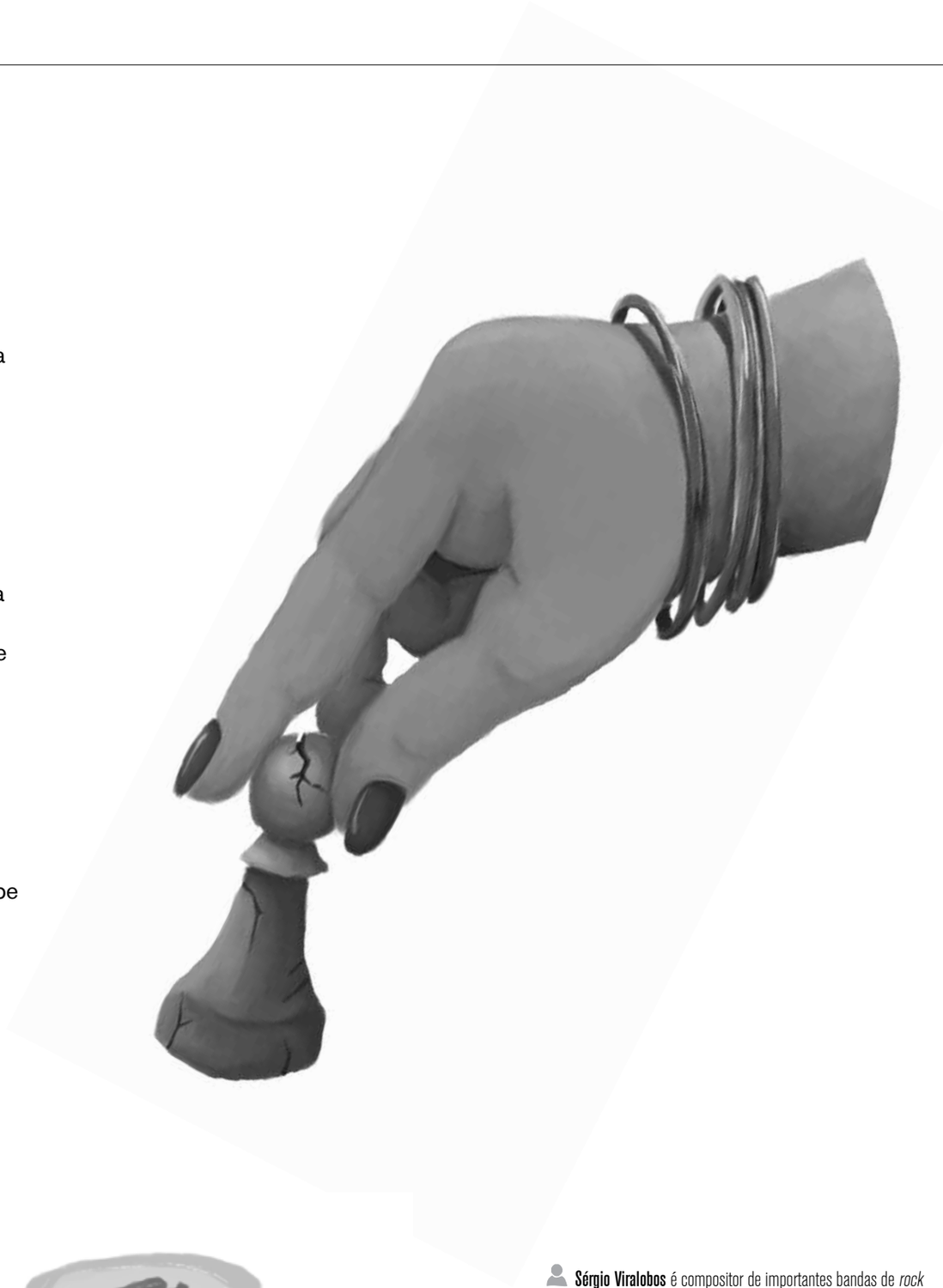
Errando a mão

Melhor de três?

Sem esperança

Porque não soube

Pedir perdão



Quando falo do bom deus

Pensa que estou citando o demônio

Ela diz desprezar os filisteus

Ouço que me pediu pra santo antonio

Vivemos noites de são bartolomeus

Vemos chifre na cabeça de unicórnio

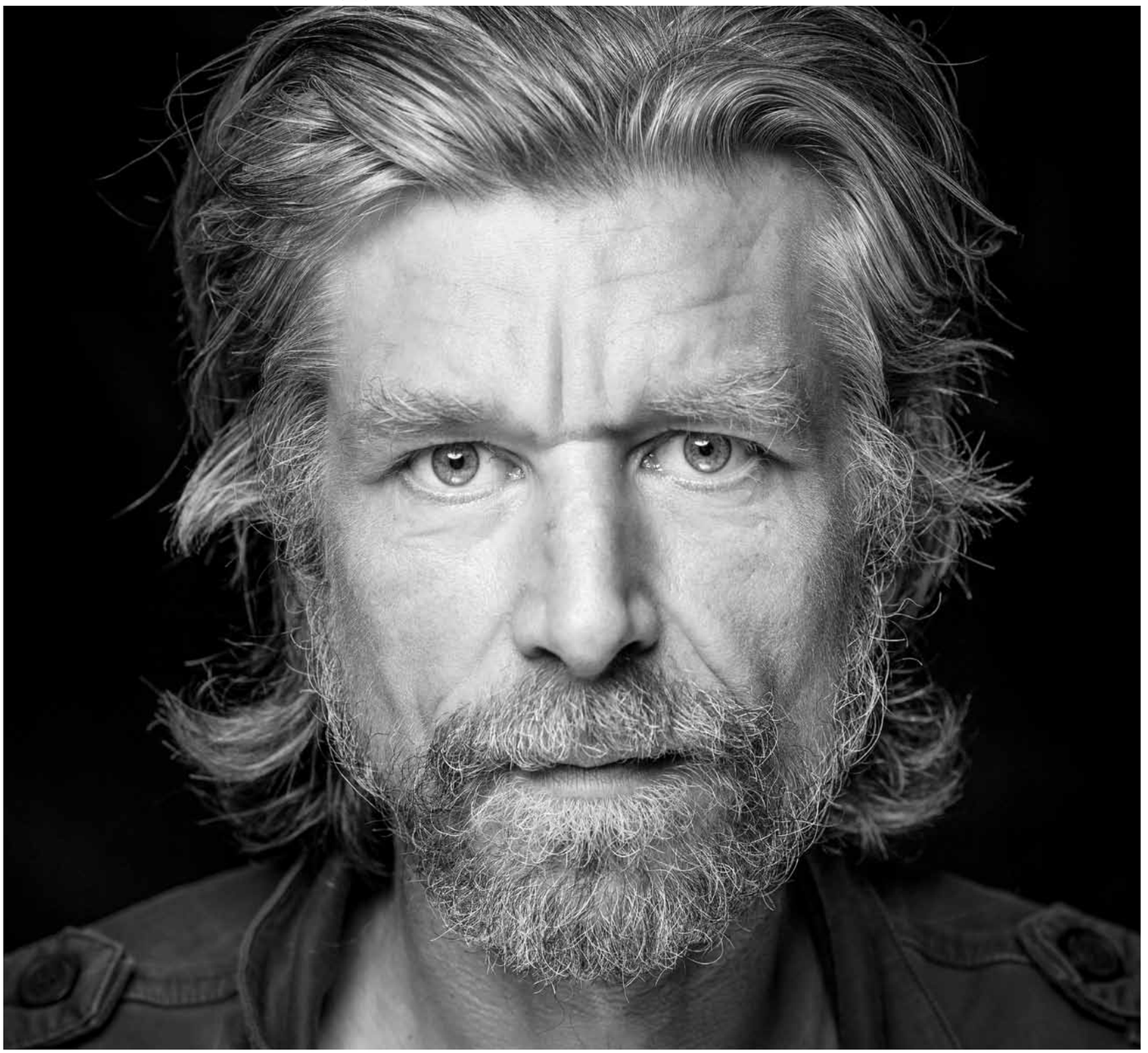
Esqueço seu nome, ela erra os meus

Extintor queimou nosso oxigênio

Sérgio Viralobos é compositor de importantes bandas de *rock* de Curitiba. Em parceria com poetas da cidade, escreveu, entre outros livros, *Dois mais dois são três em um* (1983), *Perolas aos poukos* (1988), *Os catalépticos* (1990), *Eu, aliás, nós* (1995) e *Um fausto* (1996). Também integrou as antologias *Fantasma civil* (2013, organizada por Ricado Corona), e *101 poetas paranaenses* (2014, organizada por Ademir Demarchi para o selo Biblioteca Paraná). Em 2014, publicou *Piada louca*, seu primeiro livro solo. Viralobos vive em São Paulo (SP).

ENSAIO | ANTONIO CESCATTO

Transparência ofuscante



O escritor Antonio Cescatto analisa a obra de Karl Ove Knausgard, autor norueguês que escreveu uma série de seis romances autobiográficos e é uma das estrelas da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) deste ano

Depois de anos de convites aceitos, seguidos de recusas de última hora, o escritor norueguês Karl Ove Knausgard finalmente prepara-se para desembarcar no Brasil. E chega com solenidade, despontando como a grande estrela da 14.ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que acontece entre 29 de junho a 3 de julho. Observando o frisson provocado pela vinda do escritor, ou dedicando-se a explorar um pouco da sua história e da sua obra na internet, qualquer um é levado a acreditar que Knausgard é, hoje, um nome reconhecido e consagrado no mundo literário. Nada mais longe da verdade. Knausgard é, de fato, bastante lido, mas está longe de ser uma unanimidade.

Ao longo dos últimos anos, não faltaram críticos e escritores do primeiro time para dedicar belas e generosas resenhas à obra de Knausgard, a começar pelo grande James Wood, através do qual o norueguês (assim como a escritora italiana Elaine Ferrante) foi apresentado ao mundo em 2012, em um artigo da revista New Yorker.

O escritor vinha com a fama de um feito extraordinário: na Noruega, seu país de origem, a saga "Min kamp", no original, em norueguês ("Minha luta", no Brasil, "My struggle", na América e — sim, isso mesmo — "Mein kampf", em alemão), tornara-se um fenômeno de vendas. Mais de meio milhão de livros vendidos em um país com com cerca de 5 milhões de habitantes. Se considerarmos que "Minha luta" tem, no total, seis volumes, cada um com mais de 500 páginas (perfazendo 3,6 mil páginas no total), podemos ter uma ideia da façanha.

James Wood explica-nos o motivo: trata-se de uma prosa encantatória, com uma transparência radical e passagens entre sublimes e celestiais. Mais ainda: um texto que, segundo o crítico, mesmo quando o entediava, mantinha-o interessado. Outro crítico importante, Thomas Meaney, falou do compromisso, do escritor e da obra, em capturar o tedioso, repetitivo e microscópico *mood* da consciência humana, resultando em algo paradoxalmente absorvente. Zadie Smith, a escritora inglesa, além de dizer que, no livro, a escrita e a vida acontecem simultaneamente, foi mais dramática: declarou que precisava dos livros de Knausgard como quem precisa de crack.

Lâminas afiadas

Se tudo isso é verdade, o fato é que, do outro lado, não faltou a lâmina afiada dos detratores. Para o crítico do *The Nation*, William Deresiewicz, imaginar que o modernismo, cujo clímax dera-se com Joyce, Proust e Virgínia Woolf, teria seu desenvolvimento liderado por um escritor como...(os três pontinhos são dele) ... Knausgard é algo muito deprimente. Apesar de admitir que o norueguês produz algumas boas formulações, o afiado crítico nos brinda com comentários sobre trechos do livro, como: "Se você gosta disso, bom, então esse livro é pra você" .

Difícil deixar de pensar que "isso" expressa um tipo de sentimento presente, de fato, em alguma parte do mundo literário. Diante da escrita simples e despojada do escritor norueguês, muitos devem sentir como se um ideal literário fosse imperdoavelmente traído. E, a partir disso, defini-los (a obra e o estilo) como descomprometidos de qualquer conteúdo estético, especialmente diante do que produziram os mestres modernistas. Em outras palavras: não seria arte.

Sem desmerecer a importância das polêmicas, é preciso dizer: trata-se de um exagero.

É verdade que, no caso de Knausgard, os livros deixam de se utilizar de alguns dos armamentos mais valorizados pela arte literária moderna e contemporânea (refiro-me à montagem de palavras, o texto-jorro ou fluxo de consciência, a desconstrução e radicalização da linguagem, a opção pelo coloquial, etc.). Mas, ao descartar esses recursos da prosa, Knausgard se apropria, e com desenvoltura, de outros: o texto que, a partir de um acontecimento banal, desenvolve-se em um brilhante ensaio; a utilização dos aforismos ao modo de Adorno, isto é, a partir da colagem com cronologia; a técnica da passagem entre histórias que Flaubert desenvolveu como ninguém em Madame Bovary; e, especialmente, a apropriação de recursos da poesia contemporânea, isto é, o deslocamento de ideias e situações, na eterna batalha entre significar e não-significar, que encontramos, tão claramente, em Wallace Stevens.

Mas o que mais diferencia Knausgard dos mestres modernistas talvez seja o fato desse escritor abolir do seu projeto um dos instrumentos mais poderosos já inventados: o distanciamento e o afastamento como tática e estratégia para desestabilizar o olhar. Entre a genial visada fria de Kafka, a paralisia de Beckett, os olhos incendiários de Faulkner, existe sempre uma distância entre o que o escritor vive e o que ele escreve. Essa distância pareceu, na modernidade, condição para a produção literária.

O projeto de Knausgard

Com *Out Of The World*, de 1998, Knausgard estreou na literatura. *Time For Everithing*, seu segundo livro (uma ficção em que reconta a história dos anjos da Bíblia) foi lançado em 2004. Apenas em 2008, aos 40 anos, Knausgard começa a escrever as 3,6 mil páginas de "Minha luta". O livro nasce de uma crise. A crise da meia-idade. A crise de um escritor. A crise de homem que se torna pai e vê-se diante de uma travessia.

Knausgard encontra a saída para essa crise por meio da escrita e de uma postura ética e moral. Como Adorno, a quem dedica páginas e páginas, ele acredita que vivemos o auge da era narcisista,

e que, num período assim, um dos mais graves pecados capitais é o que, curiosamente, não está incluído entre os sete principais: a indiferença.

Knausgard não é indiferente a nada. Tudo o abala e o comove. À estratégia do distanciamento ele opõe o poder da presença, a presença de um ser humano real, que reage às situações com toda gama de ambiguidades, contradições e dúvidas que definem um ser humano.

Li apenas dois livros da saga "Minha luta", o primeiro, *A morte do pai*, e o segundo, *Um outro amor*. O primeiro, Knausgard inicia com um longo ensaio sobre a morte (segundo ele, em entrevista ao crítico James Wood, em Oslo, a única parte realmente bem escrita de "Minha luta"), segue com hilariantes descrições dos primeiros porres da juventude e culmina com uma apoteótica história sobre a morte trágica do pai.

É o livro da redenção e, também, da definição do projeto. Já se tornou clássico o momento em que, olhando-se no espelho, Knausgard faz um grande *zoom-out*, localizando o escritor no espírito do seu tempo. Da mesma forma que são tocantes as descrições de Vanja, a primeira filha.

O segundo livro da saga é o meu preferido: ele começa com uma diatribe destemperada contra o excesso de férias escolares (algo incompreensível para um escritor com compromissos literários e sufocado com as práticas do cotidiano). Continua a narrativa descrevendo a viagem com três crianças à casa de um casal de amigos sem filhos, naturalmente um desastre (para o casal de amigos), a partir da qual Knausgard faz uma crítica cruel do egoísmo contemporâneo. Segue, páginas depois, com uma descrição pormenorizada de alguns amigos (aqueles que importam, claro) e desemboca, sem que seja possível dizer onde ocorreu a passagem, pela narrativa do grande amor de Knausgard, Linda — uma mulher do nosso tempo, dramática, exagerada, neurótica, mas também encantadora, corajosa, brilhante, que o faz tornar-se um sueco, e com a qual vem a ter três filhos.

Knausgard descreve com brutalismo e lirismo únicos esse amor, da mesma forma com que descreve sua primeira mulher e seu primeiro casamento, uma história que remete ao primeiro matrimônio de Charles Bovary.

Luta e glória

Não é preciso dizer que Knausgard pagou caro pela ousadia. Além de um processo movido pela ex-mulher, foi acionado juridicamente por familiares e amigos que se sentiram ofendidos pela forma com que foram retratados, já que o escritor recusou-se, também, ao conforto do *roman à clef*, preferindo chamar os personagens pelos seus nomes verdadeiros. Mas esse é o preço que Knausgard e sua obra teriam de pagar pela ousadia. Não havia como ser diferente.

"Minha luta", afinal, é a saga de um homem que se pretende escritor, e não abre mão desse desejo. Que convive, enfrenta, se choca, se agarra e sobrevive, produzindo e criando sua obra em meio a crises, choros, jardins de infância, humores variáveis e caminhos sem saída, guiado apenas pelo ato de escrever e por uma determinação Viking. Não é possível estabelecer um percurso como esse sem algumas virtudes básicas, como a franqueza e a coragem.

Além disso, quando se pensa em "Minha luta", não se pode esquecer que Knausgard é da Noruega, país que realizou, como nenhum outro (graças, em particular, ao petróleo, descoberto em 1969, um ano depois do nascimento de Knausgard), o famoso e tão falado "estado de bem-estar social". Ao contrário do que se pensa, esse modelo de plenitude social coloca homens e mulheres diante de novos e dilacerantes dilemas. O que significa ser homem ou mulher

Reprodução

O norueguês Karl Ove Knausgard publicou dois livros de ficção que não tiveram êxito antes de iniciar o projeto de "Minha luta", série de seis romances autobiográficos que o transformou em um fenômeno literário mundial.

em uma sociedade em que não há mais espaço para o senhor-proprietário? O que significa o amor em uma sociedade em que o fim da divisão burocrática de papéis, somada ao fim concreto do trabalho escravo, torna a tarefa de criar filhos e sustentar a família um ato hercúleo, a dois, apenas?

O que resulta disso, quando esse homem é um escritor — e esse escritor é Knausgard — é uma luta, um espaço em que viver, lembrar e refletir só pode existir enquanto se vive.

Pensar em Proust é, nesse sentido, muito relevante. De 1909 até o fim da sua vida, em 1922, Proust se retirou do mundo, exilando-se em seu apartamento em Paris para escrever. *Em busca do tempo perdido* nasce dessa solidão extrema. Uma Madeleine dispara a engrenagem da memória. Percorremos os caminhos de Swan, as cercanias de Guermantes, acompanhamos Albertine e personagens que existem apenas no passado e na memória ativa do escritor. Deslumbrante no afresco que desenha diante dos nossos olhos, Proust é, também, o homem e o escritor de um momento do século XX.

Knausgard pertence a um outro tempo. Ele rejeita o afastamento, a indiferença e qualquer artefato que possa encerrá-lo na linguagem e afastá-lo da vida cotidiana, aquela que sempre assombrou, paralisou e gerou delírios kafkianos entre os escritores.

Nada deixa isso mais claro do que o modo como seu romance foi escrito (processo descrito em minúcias no livro): Knausgard iniciou-o em casa. Mais tarde, decidiu alugar uma sala no centro da capital da Suécia. Sua rotina era clara. Depois de cuidar da casa, deixava a filha, a espirituosa Vanja, na escola, e dirigia-se ao escritório, onde escrevia diligentemente, de 15 a 30 páginas por dia. Três filhos depois, a rotina se repetindo todos os dias, chegou-se ao espantoso resultado final.

A magia de "Minha luta"

Nosso crítico do Nation detestaria a comparação com Ulysses, para ele, impossível. Mas não há como resistir. Diferentemente da obra-prima de Joyce, estruturada em torno de um dia em Dublin, "Minha luta" estrutura-se sobre a vida de um escritor que escreve sobre a vida desse mesmo escritor, e que não necessita mais do que as palavras simples e a inefável substância poética para torná-la vívida diante dos leitores.

Essa é a magia de "Minha luta" e de Knausgard. Criar um universo de transparência única, através do qual reaprendemos a olhar. E reaprendemos ao descobrir que, paradoxalmente, a transparência pode distorcer nossa visão, criando um ofuscamento. Além ou aquém dela, a vida vibra, no mesmo diapasão que a morte. E os limites entre ambos estão sempre sendo tensionados, entre o significado e o não significado, entre a dor e a alegria, entre ser e desaparecer.

Mas também pode ser outra coisa

Entre as muitas histórias que poderiam ser citadas para terminar este texto, escolhi uma que é repetida por muitos críticos. É um fragmento do terceiro livro, onde Knausgard, ao olhar os três filhos brincando, lembra da tremenda frustração que foi para ele quando, ao oferecer flores para o seu pai, foi bruscamente rejeitado. Aquilo, disse-lhe o pai — um muro de rigor — era um gesto de menina.

Ao olhar para os três filhos brincando, Knausgard escreve que só tem um desejo: que um dia, ao chegar aos 40 anos, nenhum deles tenha medo do seu pai. E que este, diante das flores oferecidas, seja capaz de abaixar-se para receber o buquê.

Apenas por isso, Knausgard já mereceria uma salva de palmas.

Ou uma chuva de flores. ■

Antonio Cescatto é escritor. Autor do romance *O mundo não é redondo* (2010), também publicou as novelas *Preponderância do pequeno* (2011) e *Cloaca* (2012). Nasceu e vive em Curitiba (PR).

PERFIL DO LEITOR | ALLAN SIEBER

Divulgação

Ataque "sincericida"

Conhecido pelo humor sarcástico, inclusive sobre si mesmo, o quadrinista se diz influenciado por escritores fortemente autobiográficos

OMAR GODOY

Faz sentido que a "praia literária" de Allan Sieber seja a dos autores que não têm medo de escancarar a própria vida, a ponto de chocar pela extrema sinceridade de seus relatos. Afinal, boa parte do sarcasmo presente em seus quadrinhos é direcionada para ele mesmo. Traumas de infância, neuroses, problemas de relacionamento e, mais recentemente, os desafios da paternidade são o motor de uma produção marcada pela autoironia, o humor negro e a crítica de costumes.

"Acho que a literatura que mais influencia o meu trabalho é a de tom confessional. De Crumb a Bukowski, passando por Philip Roth e J.M. Coetzee", afirma o artista gaúcho de 43 anos, radicado no Rio de Janeiro desde 1999. Nos quadrinhos, sua grande referência é o norte-americano Robert Crumb, ícone do underground. "Ele é supremo para mim. Aquela abordagem autobiográfica e o nível 'sincericida' em que ele chega sempre me marcaram muito."

Ainda no campo das HQs, Sieber cita duas obras clássicas e de cunho histórico que tiveram impacto direto em seu imaginário. *Maus,* do sueco Art Spiegelman, recria os sacrifícios enfrentados pelo pai do autor, um judeus polonês, para sobreviver ao Holocausto. *E Gen — Pés descalços*, do japonês Keiji Nakazawa, mostra como o quadrinista (então com 7 anos de idade) e sua família encararam as consequências do bombardeio atômico na cidade de Hiroshima. "Também leio muito o Daniel Clowes [mais conhecido no Brasil pela *graphic novel Wilson*], provavelmente o sujeito que melhor domina a narrativa em quadrinhos. É alta literatura", recomenda.

Entre os escritores propriamente ditos, Charles Bukowski é o nome mais forte de sua formação. "Leio e releio desde a adolescência. Ele estabelece uma cumplicidade única com quem se fodeu minimamente na vida. Por conta dele, passei a gostar de John Fante também", conta o quadrinista, que também acompanha, desde sempre, o conterrâneo Luis Fernando Verissimo (cuja produção inclui, além do texto, tiras e cartuns).

Reinaldo Moraes, Ricardo Lísias, Clarah Averbuck, Fausto Wolff e Philip Roth são algumas de suas leituras preferidas dos últimos anos. Sobretudo Roth, de quem Sieber procura ler tudo, especialmente os títulos mais recentes (como *Homem Comum*, *Fantasma sai de cena*, *A humilhação*). "São livros de velho, bem deprimentes, em que a morte e a decadência estão sempre presentes", explica.

Sobre a poesia, o artista reconhece que o gênero simplesmente "não bateu" para ele. Admira Mario Quintana, mas acredita que sua obra resvala na fronteira da prosa. Por outro lado, gosta dos microcontos de Dalton Trevisan, que considera quase poéticos. No fim das contas, considera-se "tosco" para entender o texto lírico. "Talvez eu tenha conhecido poetas muito ruins que me fizeram construir um muro antipoesia na minha vida", diz Sieber, que se interessou pelos livros graças ao incentivo dos professores.

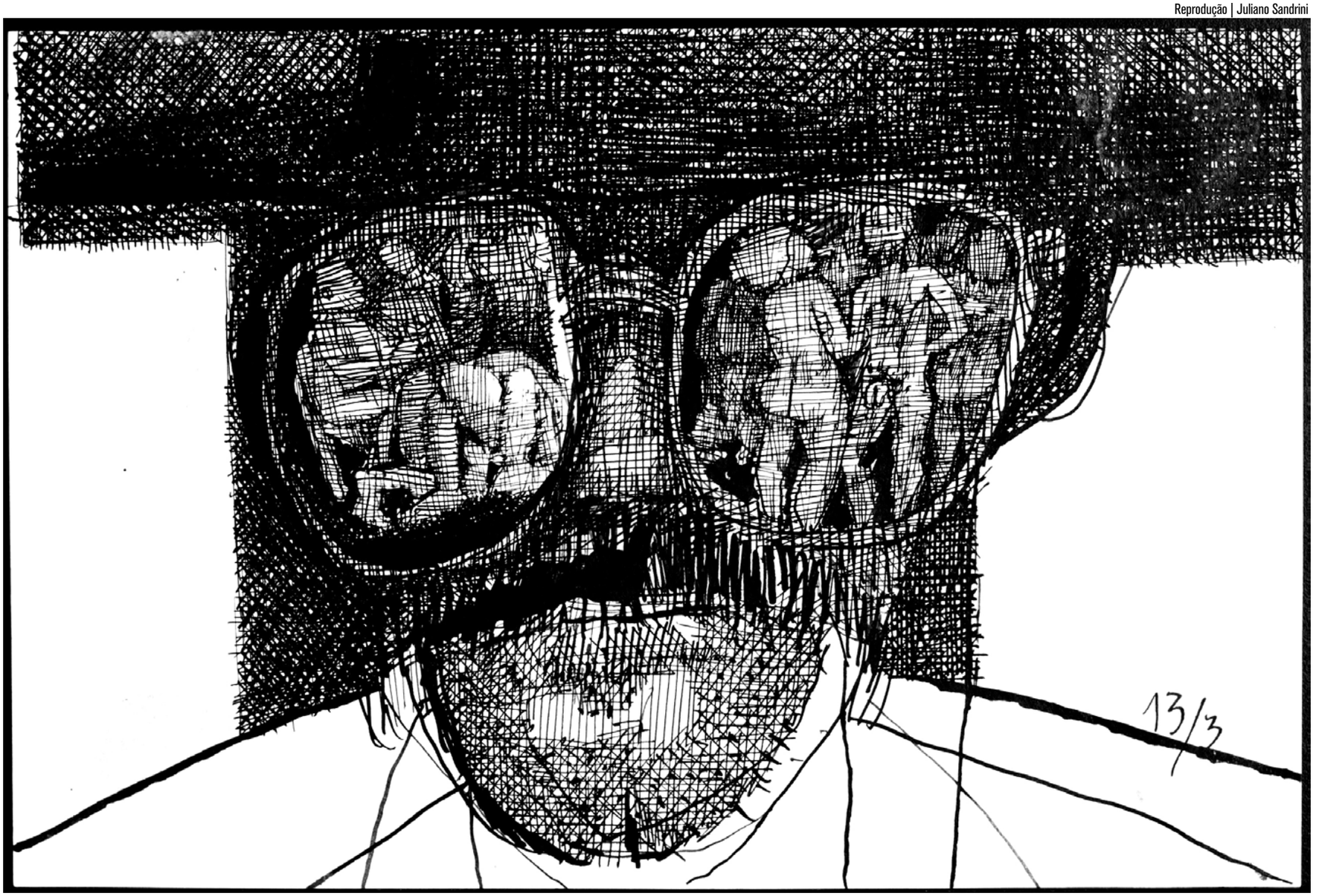
"O hábito da leitura nunca esteve muito presente na minha casa. Meu pai gostava de quadrinhos, tinha muitas revistas *Spirit*, *Fantasma*, *Gibi*, essas coisas. Se ele leu três livros a vida inteira, foi muito", ri. A profissão do "Seu Jouralbo", no entanto, influiu diretamente na carreira do filho. Desenhista de publicidade, vivia cercado de material de desenho e histórias em quadrinhos. "Além disso, eu sempre fui muito na minha, então ler era uma atividade prazerosa para mim", lembra.

Ainda sobre Jouralbo Sieber: em 2010, aos 80 anos, ele publicou, em parceria com o filho, seu primeiro livro de quadrinhos, *Ninguém me convidou* (reeditado em 2015). Ainda neste mês, a dupla lança outro título, *O mundo segundo Jouralbo*, em que mais de 40 quadrinistas de todo o Brasil desenham histórias escritas pelo veterano. "São quase 300 páginas, estou trabalhando nesse projeto desde 2012", revela Allan, autor de mais de 15 livros do gênero.

Apesar do currículo extenso, ele não se empolga com o mercado editorial de quadrinhos para adultos. "A [editora] Conrad puxou um bonde no final dos anos 90, e começou a ter uma sessão de quadrinhos bem fornida nas livrarias. Mas, em geral, o brasileiro ainda acha que o quadrinho é coisa para criança, retardado, ou as duas coisas. Não vende, simplesmente", afirma o artista, que tem vontade de escrever ficção. "Sou muito autocrítico, mas é uma ideia que me persegue, principalmente por ser sem desenho. Já pensou que maravilha? Desenhar às vezes cansa." ■

A narrativa gráfica curitibana

Reprodução | Juliano Sandrini



Trabalho de Poty Lazzarotto presente na mostra "Poty de todos nós", que entrou em cartaz no Museu Oscar Niemeyer em 2012.

Desde o começo do século XX, várias gerações de artistas vêm ampliando o olhar sobre a cidade, seja nas publicações culturais, nos romances gráficos ou em novos movimentos, como o dos "croquizeiros" urbanos

BEN-HUR DEMENECK

A história das publicações culturais de Curitiba é relativamente conhecida. Títulos icônicos, como *Joaquim* (1946-1948) e *Nicolau* (1987-1996) foram (e são) objetos de estudo. Mas a revista criada por Dalton Trevisan e o jornal editado por Wilson Bueno são apenas dois exemplos de uma tradição que remonta ao século XX.

Em 2014, o arquiteto e pesquisador Key Imaguire Jr., criador da Gibiteca de Curitiba (leia mais nas páginas 28 e 29), fez uma lista em que dimensionava a diversidade de publicações curitibanas. Entre os muitos periódicos citados, estavam iniciativas do início do século XIX, como *Pallium* (1898-1900), e experiências mais próximas de nosso tempo, como *Forma* (1966), *Leite Quente* (1989-1992), *Raposa* (1981), *Fundação* (1981), *Polo Cultural* (1978) e *Medusa & Oroboro* (1998-2000, 2004-2006). No entanto, essa narrativa não pode ser contada sem que se fale dos inúmeros artistas que ao longo de um século e meio fizeram da cidade uma referência "gráfica".

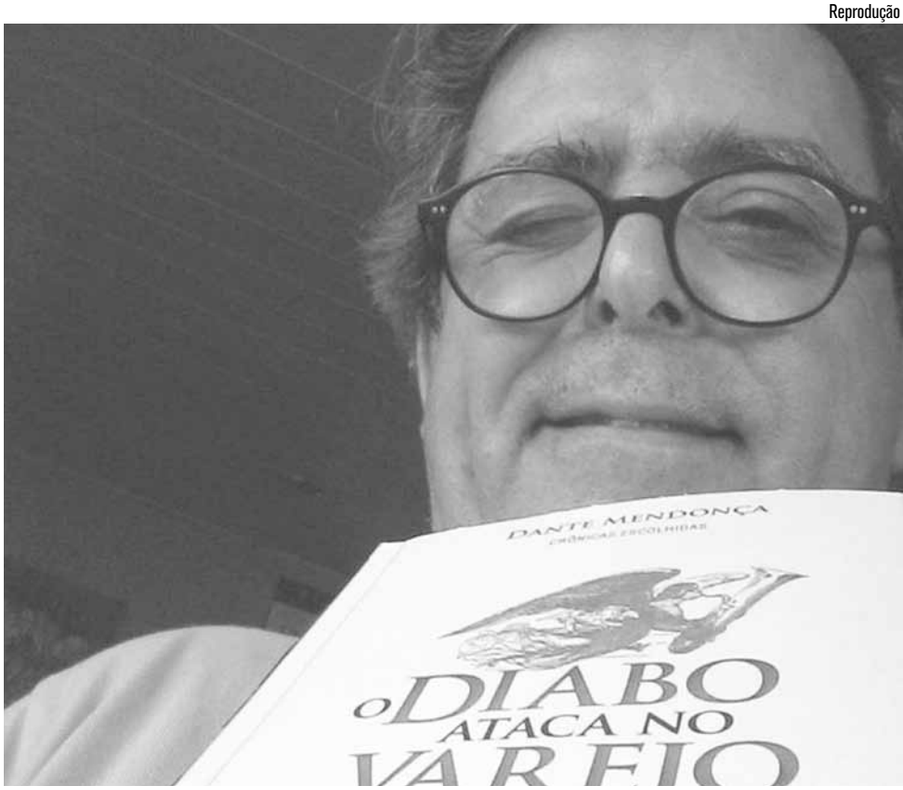
O jornalista e cronista Dante Mendonça, um dos primeiros do Brasil na publicação de charges coloridas em capas de jornais diários (*O Estado do Paraná*), recorre à História para explicar a pujança de artistas da cidade. "Curitiba sempre foi um centro de excelência em artes gráficas em função das correntes migratórias. Os alemães, os poloneses, os russos, os ucranianos — todo aquele povo do Leste Europeu — eram especialistas em artes gráficas", diz o autor do livro *Curitiba, melhores defeitos, piores qualidades.*

O ano de 1854 é o marco zero oficial dessa história, data da fundação do jornal *Dezenove de Dezembro*, primeiro periódico da capital do Paraná, fundado por Cândido Martins Lopes. Mas outras iniciativas foram apontadas pelo escritor Newton Carneiro no livro *O Paraná e a caricatura*, de 1975. Entre outras questões, o pesquisador lançou a polêmica de que o humor gráfico brasileiro nasceu por obra de um curitibano conhecido como "João Pedro, o Mulato", que pintou "aquarelas satíricas" entre 1807 e 1819. No entanto, oficialmente a primeira caricatura brasileira foi publicada no *Jornal do Commercio,* em 1837, por Manoel de Araújo Porto-Alegre. "Concordo plenamente com a teoria do Newton Carneiro de que as primeiras charges do Brasil foram feitas no Paraná", declara Dante Mendonça.

Já no início do século XX, Curitiba viveu uma agitação editorial com o lançamento das revistas *O Olho da Rua* e *A Carga*, em 1907, época em que despontou Mário de Barros. Em 1913, apareceria *A Bomba*, ostentando um letreiramento ao estilo a*rt nouveau*. O anticlericalismo era uma tônica de muitas publicações da época.

Até os anos 1950, a grande celebridade curitibana no humor gráfico foi Alceu Chichorro. Ele e seus personagens Chico Fumaça e Dona Marcolina permanecem no imaginário paranaense. A partir dos trabalhos de Chichorro, as pesquisadores Aparecida Bahls e Mariane Buso buscaram outros cartunistas cujas histórias são narradas no livro *Factos da actualidade: charges e caricaturas em Curitiba, 1900-1950* (2009).

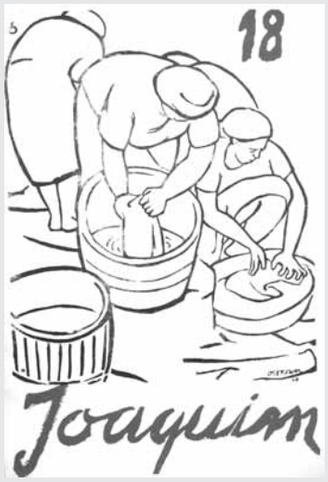
Reprodução



Para o cronista Dante Mendonça, "Curitiba sempre foi um centro de excelência em artes gráficas em função das correntes migratórias".

CAPA

O jornal *Nicolau*, que circulou entre 1987 e 1996, publicou trabalhos de vários artistas locais, como Denise Roman, Rettamozo, Solda e Rogério Dias, entre tantos outros.



Editada por Dalton Trevisan na segunda metade dos anos 1940, a revista *Joaquim* contou com colaborações de grandes nomes do Modernismo, como Di Cavalcanti e Heitor dos Prazeres.

Obra do artista "João Pedro, o Mulato", que, segundo o pesquisador Newton Carneiro, inaugurou, em 1807, o humor gráfico brasileiro.

Em 1975, Newton Carneiro publicou *O Paraná e a caricatura*, livro que continua sendo uma referência para os pesquisadores do desenho no Estado.

O pesquisador Gian Danton escreveu um livro contando a saga da editora curitibana *Grafipar*, que nos anos 1970 fez sucesso ao publicar quadrinhos eróticos "diferentes".

Publicado em 1981, o jornal *Raposa* foi criado por Oswaldo Miran, um dos artistas mais celebrados de Curitiba. Entre os colaboradores, havia muitos nomes que, anos depois, apareceriam nas página do *Nicolau*. Acima, a capa da 4 edição do periódico.

O mito Poty

Aos 18 anos, em 1938, o artista que ficaria famoso pelos murais espalhados por Curitiba, publicou uma HQ no jornal *Diário da Tarde*. Quase uma década depois, daria início a uma prolífica parceria com Dalton Trevisan na revista *Joaquim* e em capas de livros do contista.

Os trabalhos editorias se estenderiam a outros autores, como João Guimarães Rosa (*Grande sertão: veredas, Corpo de baile* e *Sagarana*). Para a editora José Olympio, o mais famoso muralista do Paraná ilustrou também *Capitães da areia* (Jorge Amado), *O quinze* (Rachel de Queiroz), *Cobra Norato e outros poemas* (Raul Bopp), *Chapadão do bugre* (Mário Palmério), entre muitos outros.

Para o arquiteto e fundador da Gibiteca da cidade, Key Imaguire Jr, "o grafismo de Poty Lazzarotto se insere na estética dos anos 1960 com perfeição. Os movimentos artísticos evoluíram e a qualidade do desenho do Poty se manteve em sintonia com as novas formulações". Em *Poty ilustrador,* publicado em 1988, Antônio Houaiss vai mais longe e escreve que "nunca a fusão verbo-ícone atinge tão intrínseca adequação [quanto na obra de Poty Lazzarotto]".

No caso de Dalton Trevisan, a parceria, mesmo depois de 18 anos da morte do desenhista, ainda rende. As coletânea de contos do escritor seguem ilustradas por desenhos do acervo de Poty.

"O traço de união mais característico entre o artista e o escritor é de ordem moral: a solidão", observa um artigo de Sônia Gutierrez, pesquisadora vinculada à Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Datado de 2001, o texto faz uma outra reflexão entre os dois criadores — a "*bricolage* constante". Afinal, tanto Poty quanto Dalton "fazem uso da mesma imagem em vários procedimentos, em dimensões e em contextos diferentes".

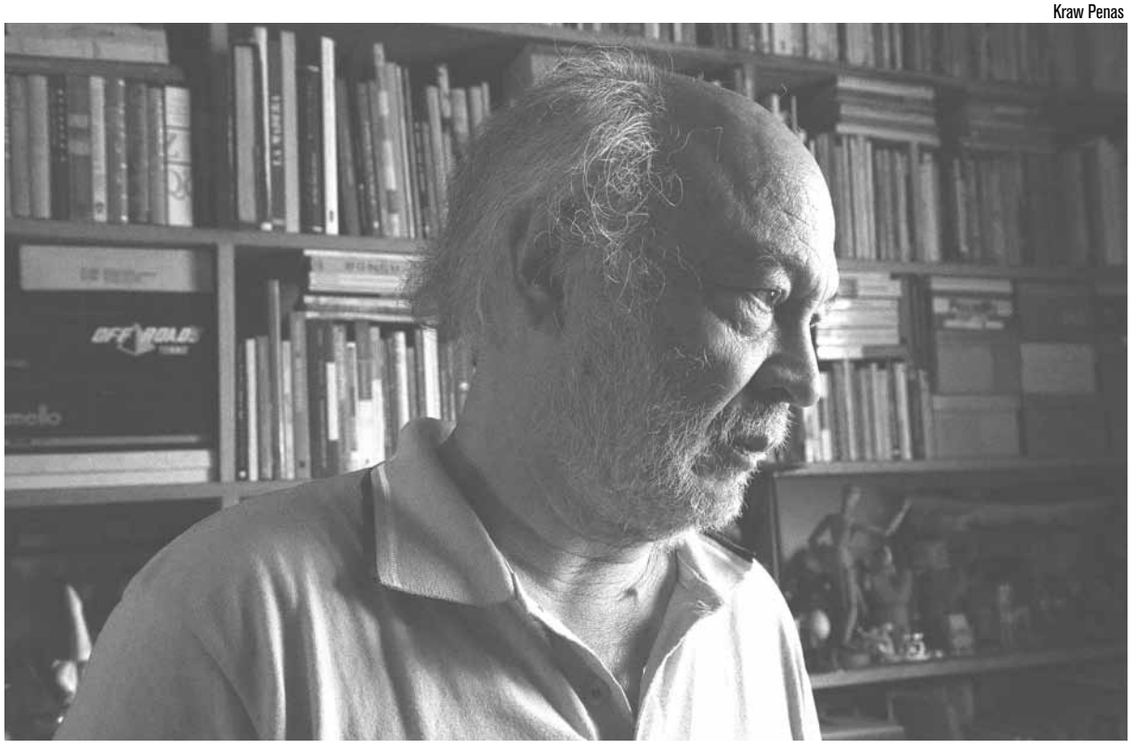
Geração *Nicolau*

Da geração de criadores surgida nos anos 1970, o cartunista Luiz Antonio Solda enveredou pelo humor ao combinar traços e letras. Além de escrever livros, como *Almanaque do professor Thimpor* (humor) e *Kamikase do espanto* (poesia), Solda inventou a LETRASET — *Academia Paranaense de Letraset* —, jogo de palavras com letras impressas por decalque (*letraset*) que satiriza o artificialismo de algumas confrarias de literatos.

Para o artista, as agências de publicidade, nas décadas de 1970 e 1980, tiveram influência nas artes gráficas da cidade. "A convivência com Leminski numa agência me inspirou a fazer desenhos mais poéticos. Por outro lado, eu o influenciei a fazer uma poesia mais engraçada."

"Nunca coisa alguma aqui nesta 'nesseCIDADE' foi fácil!", diagnostica Rogério Dias, outro artista emblemático de Curitiba, conhecido pelas suas telas com pássaros. Protagonista em publicações culturais nas últimas décadas, Dias foi o autor da primeira

Kraw Penas



O arquiteto Key Imaguire foi o idealizador da Gibiteca de Curitiba, em 1982. Ainda hoje ela é uma referência entre os fãs de quadrinhos no Brasil.

CAPA

Ilustrações **Fabiano Vianna**

capa do jornal *Nicolau.* A famosa ilustração, segundo o artista, foi escolhida por Jaques Brand, poeta que esteve envolvido na concepção do periódico.

"Levei alguns desenhos para o meu amigo Wilson Bueno, jornalista [editor de *Nicolau*]. Ele me agradeceu pela capa que fiz para seu [livro] *Bolero´s Bar* e elogiou minhas ilustrações publicadas no jornal *Correio de Notícias*. Depois, pediu ao Jaques Brand que escolhesse a capa para o *Nicolau*. Num passar de olhos, ele escolheu!".

Na opinião de Joba Tridente, diagramador do periódico entre a 34ª e a 55ª edição, "o *Nicolau* era um jornal artesanal". Além de desenhar cada letra do título da publicação e de abusar de recursos de fotocópias, era comum que o editor de arte usasse expedientes como riscar, rasgar, raspar e até atear fogo nas páginas para alcançar o efeito desejado.

Já o artista gráfico e publicitário Luiz Carlos Rettamozo diz que não é possível falar de artes e imprensa em Curitiba sem evocar o nome do editor Reynaldo Jardim. Responsável por suplementos culturais no *Diário do Paraná* e, depois, no *Correio de Notícias*, Jardim trazia no currículo a revolução gráfica do *Jornal do Brasil*, ocorrida nos anos 1950, a direção da revista *Senhor* e a criação do alternativo *O Sol*.

"Certa vez o Oscar Niemeyer colaborou com o *Diário do Paraná* . O Jardim então pegou o texto do Niemeyer e me colocou para ilustrar. Ficamos os três fazendo o jornal durante a semana, enquanto o arquiteto ficou em Curitiba. Depois de o material ser publicado, Niemeyer levou um pacote de exemplares para distribuir na Argentina, sua próxima parada", recorda Rettamozzo.

Crônica

Mais que publicações culturais e ação individual de artistas, as artes gráficas da cidade se renovam por "movimentos". Jornais e revistas, hoje, são apenas opções dentro de uma gama de plataformas disponíveis aos desenhistas.

Espécie de crônica em forma de desenho, o "Croqui Urbano" (em inglês, "Urban Sketch") tem ganhado força em Curitiba nos últimos anos. A cidade foi a primeira do Brasil a sediar um encontro de "croquizeiros". A atividade, basicamente, consiste em reunir artistas para desenhar pontos pré-escolhidos da cidade.

Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e precursor da atividade, José Marconi considera que "a maior contribuição [dessa forma de expressão] foi a de multiplicar a iconografia curitibana. O croqui urbano pretende desenhar algo além do cartão postal, como as idiossincrasias e o lado avesso da cidade", diz o fundador do grupo "Croquis Urbanos Curitiba" e, mais recentemente, dos "Desenhadores de Rua". Para ele, até a carga de tensão das ruas condiciona o desenho. Natural da Paraíba, Marconi diz que os croquis lhe serviram de pretexto para conhecer Curitiba. A condição de migrante foi a mesma que havia levado o catalão Gabriel Campanario a começar o movimento "Urban Sketch" em Seattle.

Divulgação

DW Ribatski é artista plástico, ilustrador e quadrinista. Autor dos HQs *Como na quinta série* e *Campo em branco*, acha que o espaço para publicação em Curitiba ainda é restrito diante de tantos nomes de talento surgidos nos últimos anos.

"Para mim o *sketch* é como a crônica, porque os dois são bastante próximos do 'narrador'", opina Fabiano Vianna, arquiteto e também fundador do "Urban Sketchers Curitiba". O artista costuma ler cronistas como Rubem Braga e Luís Henrique Pellanda para inspirar croquis nos quais desenha "cenas possíveis" e estabelece paralelos com a memória.

Romance

O romance gráfico é outra plataforma em que os artistas curitibanos têm se sobressaído. Há uma safra de autores publicando nesse formato. "Em Curitiba, há bons profissionais [de narrativas gráficas] publicando em diferentes formas e plataformas de financiamento", avalia André Caliman, autor da *graphic novel Revolta!*. Para ele, "os ilustradores da cidade estão muito atualizados com o momento da produção editorial". Vencedor de um prêmio HQMIX em 2008, Caliman destaca o trabalho feito pelo estúdio Dogzilla ("um divisor de águas"), por André Ducci, Leonardo Melo, José Aguiar e pelos grupos Lobo-Limão e Manjericão.

Na opinião de DW Ribatski, indicado em 2014 ao Prêmio Jabuti na categoria Ilustração pela HQ *Campo em branco*, a ilustração editorial se beneficia com "a iniciativa, há muitos anos, da [loja] Itiban, da Gibiteca de Curitiba, do[escritório de arte] Mucha Tinta, do [selo/loja] Candyland Comics e, mais recentemente, do [estúdio de impressão] Selva Press". Para DW, ainda é limitado o espaço dedicado às artes gráficas na imprensa local. Para se justificar, despeja sobre o repórter o nome de 22 jovens artistas curitibanos, todos de alto nível técnico.

Outro artista bastante atuante é José Aguiar. Depois de uma temporada na Alemanha, em 2006, ele diz que se "descobriu" como brasileiro e curitibano. Isso mudou seu trabalho. "Sem forçar o sotaque, sem cair num 'ufanismo', gosto de apresentar elementos de cena que revelem a cidade, fugindo de seu lado turístico", observa.

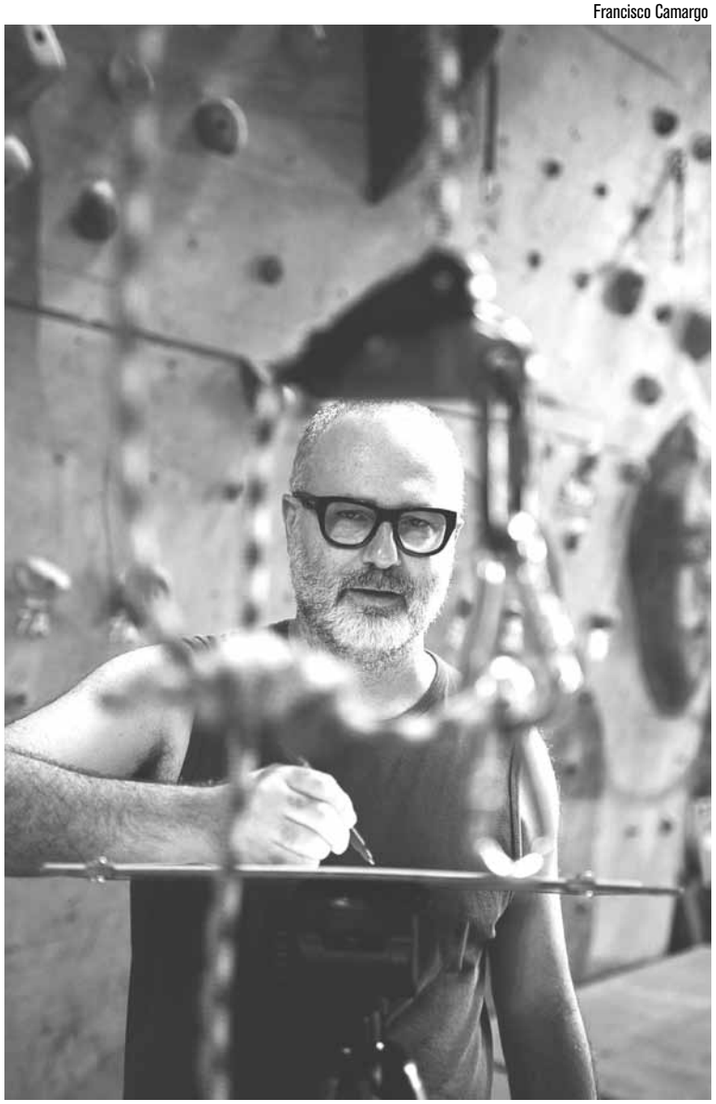
Em tempos de convergência de tecnologias e linguagens, o quadrinista Robson Vilalba produz peças jornalísticas gráficas para o jornal *Gazeta do Povo*. Apesar de publicar em diversas plataformas de mídia, ele reconhece: "Ainda prefiro o livro como suporte para contar minhas histórias". Vilalba foi o ganhador, em 2014, do Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. A série foi transformada no livro-reportagem em quadrinhos *Notas de um tempo silenciado*. ■

Reprodução

MIRAN: DE PARANAGUÁ PARA O MUNDO

Curador da mostra "Poty de todos nós", que entrou em cartaz no Museu Oscar Niemeyer no dia 29 de março de 2012 com 800 itens, Oswaldo Miranda é considerado um dos desenhistas mais expressivos do Paraná. Em Curitiba, onde o parnanguara vive, trabalhou em agências de publicidade e em jornais, mas se tornou mais conhecido por ser o editor da revista Gráfica – publicação que teve início em 1983 e por mais de uma década circulou com periodicidade trimestral. Reconhecida em âmbito internacional, recentemente reeditada pela Posigraf, a revista se tornou uma espécie de vitrine para designers, ilustradores, cartunistas e fotógrafos. O trabalho de Miran, como ele é chamado pelos amigos, tem o aval de mais de 350 prêmios internacionais. Ele foi requisitado para ilustrar capas de livros e até rótulos de produtos, principalmente nos Estados Unidos. ■

Francisco Camargo



Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), José Marconi foi um dos fundadores do grupo Croquis Urbanos.

A EXPERIÊNCIA GRAFIPAR

Num único mês, a editora Grafipar levou às bancas brasileiras 48 edições inéditas e um volume total estimado em 1,5 milhão de exemplares. Chegavam à sede da editora curitibana 1,5 mil cartas de leitores por semana. Fora os números, a casa editorial estimulou a formação de uma inédita "vila de quadrinistas" e balançou a censura com publicações eróticas durante os anos 1970 e 1980.

Todas as edições da Grafipar que ocuparam as bancas brasileiras foram ampliações de seções originais da revista *Peteca*. "Eu considerava a *Peteca* um produto erótico-educativo, porque, mais que oferecer material para a masturbação, ela também fazia uma orientação sexual para adolescentes", explica o criador da editora, Faruk El Khatib, enfatizando que é preciso imaginar o que isso significava em 1976, sob a ditadura Geisel.

Gian Danton, autor de *Grafipar: A editora que saiu do eixo* (2012), acompanhou as publicações da editora por quase 10 anos quando morava em Belém do Pará. Ele diz que as histórias eróticas tinham certa poética, o que as diferenciava do "açougue" que eram as publicações semelhantes. Mais que o roteiro, predominava o domínio da linguagem dos quadrinhos.

"Rettamozo e Rogério Dias, que não eram exatamente quadrinistas, foram bastante importantes no começo da Grafipar", contextualiza Danton sobre a força editorial das HQs. Entre os muitos colaboradores, trabalharam para a editora nomes como Alice Ruiz, Paulo Leminski, Mozart Couto e Nelson Padrela. Luiz Rettamozo comete uma inconfidência ao lembrar de um famoso colaborador, Pinus Eliot. "Ele não existia. Era só o Rogério Dias publicando sob pseudônimo."

Em termos estéticos, o quadrinista Cláudio Seto **(leia mais nas páginas 30 e 31)** confirmaria sua posição de precursor do mangá. "Ele produzia em linguagem de mangá, mas com toque nacional", classifica o autor Gian Danton. Além de antecipar a tendência, fez a sua antropofagia, abrasileirando-a. "Diferentemente das publicações de mangás, que se popularizaram nos anos 1990, com brasileiros imitando descaradamente as obras japonesas", compara Danton.

A liderança e arte de Cláudio Seto são lembrados por todos os entrevistados. Para Danton, Seto era mais que artista, era uma pessoa "muito correta". Segundo Faruk Al Khatib, "Seto era um paizão, alguém que sabia das dificuldades do mundo artístico. Uma pessoa que dava oportunidade para todos". A história de Seto é contada no documentário *O samurai de Curitiba*, dirigido por Rober Machado e José Padilha, em 2011.

É importante dizer que os quadrinhos não foram a primeira opção da Grafipar. Em meio às publicações de Faruk, o crescente interesse dos leitores por HQs deu base econômica para a enxurrada de títulos. É quando surge a "Vila dos Quadrinistas", no bairro São Brás. Tratava-se de um núcleo editorial na era pré-internet, formado por artistas que se mudaram para Curitiba especialmente para fazer narrativas gráficas.

"Muita gente reconhece o valor da Grafipar, só não fala em público dessa importância", ironiza Faruk El Khatib. Ele percebe que a academia ainda torce o nariz para falar de como a editora Grafipar abriu horizontes para a liberdade de expressão. ■

A primeira Gibiteca pública do mundo

Divulgação

A primeira gibiteca pública do mundo foi inaugurada em 1982, em Curitiba, por iniciativa do arquiteto Key Imaguire Jr. — e até hoje nenhum pesquisador internacional conseguiu refutar tal afirmação. Nos Estados Unidos, bibliotecas especializadas em quadrinhos que antecederam a Gibiteca de Curitiba eram orientadas a pesquisadores. Na Europa, todas as experiências similares se instalaram depois.

"O Centre Belge de la Bande Dessinée [de 1989] e a hoje conhecida como Cité Internationale de la Bande Dessinée [de 1984] foram as primeiras entidades europeias a dar um destaque especial às publicações de histórias em quadrinhos", assinala o livre-docente da Universidade de São Paulo (USP) Waldomiro Vergueiro. Para o pesquisador, tanto essas coleções presentes em Bruxelas e no Angoulême quanto suas equivalentes norte-americanas sempre tiveram a finalidade primeira de preservação da memória do meio. Ou seja, um interesse museológico.

O diferencial das gibitecas brasileiras, a começar pela de Curitiba, é o de "serem centros de cultura desenvolvidos em torno das histórias em quadrinhos, enquanto que no exterior elas não foram criadas mirando o leitor comum, mas o especialista, o estudioso e, em última instância, aquele que está envolvido diretamente na produção", arremata Vergueiro,

Anterior às suas similares na Bélgica e na França, a Gibiteca de Curitiba apontou, em 1982, um caminho mundial de popularização da Nona Arte

editor da revista *9ª Arte* e do *Observatório de Histórias em Quadrinhos* da USP.

"A Gibiteca de Curitiba é uma agregadora de linguagens. Reúne contadores de histórias, artistas visuais, jogadores de RPG, fãs de *Star Trek*, *cosplayers*, leitores de *steampuk*", diz o quadrinista José Aguiar. Pela Gibiteca circulam figuras que se interessam por todas as artes. Aguiar conta que já viu circulando pelo espaço o escritor Luis Fernando Verissimo, o cineasta Sylvio Back e o (sumido) compositor Belchior. Dos quadrinhos, topou recentemente com o britânico David Lloyd que, junto com Alan Moore, criou a HQ *V de Vingança*.

Templo da Nona Arte

"Reconhecer que os quadrinhos, desenhos animados ou charges políticas merecem um espaço especial, um 'templo', é um passo para acabar com o preconceito de baixa ou alta cultura", discerne Jorge Salvador Anaya Martínez. Ele pesquisa histórias em quadrinhos junto à Unam (Universidade Nacional Autónoma de México) e integra o grupo de trabalho de quadrinhos da International Association for Media and Communication Research (IAMCR).

Jorge Martínez lamenta que em seu país não haja algo similar à Gibiteca de Curitiba. "Uma gibiteca pública simboliza uma cultura que não diferencia a importância de livros e gibis", interpreta o estudioso. No México, há instituições contendo coleções especializadas, como a Hemeroteca Nacional da UNAM, em que é preciso preencher um requerimento para ter acesso aos materiais. O espaço mais próximo de uma gibiteca seria o Museu de Caricatura da Sociedade Mexicana de Cartunistas, fundado em 1987 no centro histórico da Cidade do México.

"Por sua própria existência, uma gibiteca já tem uma mensagem clara e benéfica para o meio: os quadrinhos existem, são importantes e nós acreditamos neles", afirma Waldomiro Vergueiro. Manter um espaço e uma instância administrativa especialmente voltados para as histórias em quadrinhos demonstra, para o professor, que a "Nona Arte atingiu um estágio de maturidade e legitimação cultural que a credencia a uma atenção diferenciada".

Se Waldomiro Vergueiro emprega o termo "Nona Arte" para tratar de quadrinhos, o idealizador da Gibiteca Key Imaguire Jr. gosta de empregar o termo "literatura gráfica". Ele explica que, "apesar de ele ser um tanto acadêmico", demonstra o caráter de uma "literatura que se expressa graficamente". O termo se contrapõe à "maldição" que durou até a década de 1970, quando os quadrinhos eram vistos com preconceito, como corrupção de menores, transmissão de conteúdos impróprios e incentivo à preguiça mental.

Volta para casa

"O 'espírito da Gibiteca' existia antes dela, no pessoal que se reuniu para criar a *Casa de Tolerância*, revista curitibana alternativa, da década de 1970", diz Imaguire Jr., sobre a "essência" do local que idealizou há mais de 30 anos. "Em vez de haver uma coesão forçada e formal, talvez a liberdade de formulações permita que o espaço seja duradouro", completa.

Quanto à diversidade em torno da Gibiteca, exemplifica: "Um autor de produção brilhante e fortemente individual como o Solda não se enturma, mas quando a gente precisa dele e o convida, apoia; há os que produzem para jornais; outros publicam seus álbuns e revistas; tem a Pryscila [Vieira], que trabalha no espaço virtual".

No documentário que acompanha a publicação de *Gibiteca de Curitiba: a primeira do Brasil*, de Key Imaguire Jr. (2012), pode-se ouvir uma expressão que se tornou recorrente no meio dos quadrinhos curitibanos: "crias da Gibiteca". O termo designa quem desenvolveu sua arte e linguagem sob a influência do espaço. Um dos exemplos é Fúlvio Pacheco, que neste ano assumiu a coordenação da Gibiteca. Já a lista de revistas surgidas sob a égide da Gibiteca é igualmente extensa e inclui *Manticore, Dr. Clima, Anjos de Curitiba, Zongo Comiques*. Quanto aos álbuns, há nomes como *O Gralha, O Chalaça, Vigor Mortis, Dom Casmurro, Fantasias Urbanas, Avenida, La Naturalesa, Ato 5, Marcozinho, 7 Vidas, Contra a Bomba.*

O espaço ainda deu vida a eventos. A então Gibicon — hoje Bienal de Quadrinhos de Curitiba — surgiu no contexto do aniversário de 30 anos da Gibiteca de Curitiba. A visibilidade dada pela Gibicon encorajou muitos artistas a começar e se desenvolver na área de quadrinhos. "O resultado [do evento] veio com mais publicações, e sempre com temáticas mais originais, o que deu mais legitimidade à produção local, aproximando o público dos artistas", afirma o quadrinista André Caliman, atualmente professor de Histórias em Quadrinhos na Gibiteca de Curitiba. ■

Ben-Hur Demeneck é jornalista e doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo). Atua como professor do curso de Jornalismo da UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). Vive em Ponta Grossa (PR).

O samurai do desenho curitibano

Reprodução | O Estado do Paraná

O paulista Cláudio Seto fez história ao trazer o mangá para o Brasil e ajudar a impulsionar a produção nacional de quadrinhos

KAYPE ABREU

O ilustrador e quadrinista Cláudio Seto foi um personagem marcante do meio cultural curitibano a partir da década de 1970. Além de atuar em jornais (por exemplo, no *Correios de Notícias* como ilustrador), seu trabalho tem importância fundamental na história do mercado editorial gráfico local e brasileiro.

A jornalista Maria Helena Uyeda conviveu com o ilustrador e assina, em parceria com ele, *Ayumi — caminhos percorridos* (2002), obra que conta a história da imigração japonesa no Brasil. "Seto era um visionário", diz Maria Helena. Há motivos para não só ela, mas uma legião de fãs de quadrinhos, endossar a frase. Seto é considerado o "pai" do mangá no Brasil.

Na década de 1960, o artista foi convidado para trabalhar na Edrel, extinta editora de São Paulo, que — até aquele momento — importava mangás — histórias em quadrinhos de origem japonesa — e também produzia conteúdos autorais. Na empresa, Seto dá continuidade a, entre outros quadrinhos, *Flavo* — história que fala sobre um garoto-robô, inspirada em *Astroboy*, de Osamu Tezuka, influência fundamental para o ilustrador nascido em Guaiçara (SP), em 1944, e radicado em Curitiba, onde viveu até morrer, em 2008.

Seto morou no Japão dos sete aos 17 anos. Foi lá que conheceu a obra de Tezuka, uma referência no mangá. O jornalista Ivan Carlo, que assina o livro *Grafipar — A editora fora do eixo* com o pseudônimo de Gian Danton, observa que Seto, mais do que apenas reproduzir o desenho japonês, também imprimiu um toque pessoal, o que resultou em um desenho único. "Ao misturar o mangá com os quadrinhos brasileiros, ele criou um estilo totalmente inovador", argumenta. "Seto antecipou o sucesso que faz hoje *A Turma da Mônica Jovem*",

Reprodução

Na Grafipar, Seto esteve envolvido na produção das revistas *Maria Erótica*, *Protons* (de ficção científica) e *Neuros* (de terror).

complementa, citando uma recente versão da história de Maurício de Souza recriada no estilo mangá.

É o próprio Seto, no documentário *O samurai de Curitiba*, de José Padilha, que conta como surgiu a paixão que o acompanharia durante toda sua vida. Quando era criança, o verso da superfície quebrada de um espelho foi usado pelo seu irmão para desenhar um salgueiro. "E das folhas caindo da planta desenhada 'saía' um haicai que dizia assim: 'espelho quebrado/ vaidade aos cacos/ surge o Monte Fuji", diz Seto. Para Ivan Carlo, o mangá — assim como esse episódio da infância do ilustrador — é a união perfeita da linguagem gráfica com a palavra escrita.

Na década de 1970, a Edrel encerrou as atividades, Seto se mudou para Curitiba e foi convidado para trabalhar na editora Grafipar, onde reuniu uma competente equipe de roteiristas e desenhistas, formada, entre outros, por Franco de Rosa, Nelson Padrella, Paulo Leminski e Fernando Bonini. "A partir da chegada do cartunista na casa editorial curitibana, a produção própria da Grafipar é impulsionada", afirma Ivan Carlo.

O jornalista conta que era comum editoras do exterior oferecerem a republicação de seus quadrinhos. "Seto, no entanto, analisava o produto, recusava e fazia uma história do mesmo gênero, mas com um estilo próprio", diz.

Na Grafipar, Seto também retomou personagens criados na Edrel, como a *Maria Erótica* — trama que misturava romance policial e sexo, com um viés cômico, para contar a história de uma garota inicialmente reprimida, mas que se torna sexualmente liberal. E republica as histórias de *O samurai* — personagem que rendeu apelido ao próprio autor —, narrativa que se passa no Japão feudal, misturando violência e erotismo.

De ilustrador à agitador cultural

Quando a Grafipar fechou as portas, na década de 1980, Seto, além de se manter ativo na imprensa, passa a se dedicar às artes plásticas, à fotografia, aos livros e à tarefa de preservar a cultura japonesa no Paraná. É dele, por exemplo, a autoria de *Lendas trazidas pelos imigrantes do Japão* (2008), seu último livro, que resgata as histórias passadas oralmente de geração para geração e contadas por muitos imigrantes japoneses, inclusive seus avós.

O ilustrador é o principal responsável por trazer o Matsuri (festival de cultura japonesa) para Curitiba. Em 1991, Seto "ventilou" na imprensa que aconteceria uma festa de celebração da cultura japonesa, mas, na realidade, não havia nenhum evento preparado. "A celebração acabou sendo um sucesso e, em dois anos, teve que ser feita num local maior", conta a produtora cultural Suemi Hamasaki — a primeira edição foi realizada no Clube Nikkei, no bairro Uberaba, e, recentemente, passou a ser realizado no Museu Oscar Niemeyer (MON).

De meados da década de 1980 até os anos 2000, Seto publicou charges em diversos jornais, como *Tribuna do Paraná* e *O Estado do Paraná* — neste último, trabalhou até morrer, em 2008, vítima de um acidente vascular cerebral. Pessoas próximas ao artista, ouvidas pela reportagem do **Cândido**, o definem como um sujeito generoso, discreto e bem-humorado. Uyeda, a amiga e ex-colega de redação, conta que amigos e familiares organizaram uma festa surpresa e se espantaram com a presença do próprio Seto, entre os convidados, vestido de mulher. Para Hamasaki, o ilustrador era como "guru". "Ele tinha uma capacidade imensa de agregar pessoas e fazer elas mostrarem o seu melhor", afirma. ■

Livro reúne peças finalistas do concurso de dramaturgia do Guaíra

Os cinco textos participaram do edital da Secretaria da Cultura que marca a reativação do Teatro de Comédia do Paraná

DA REDAÇÃO

O Núcleo de Edições da Secretaria de Estado da Cultura (SEEC) lança em julho o livro *Comédia Paranaense 2016 — Concurso de Dramaturgia do Teatro de Comédia do Paraná / 5 peças*. A coletânea de textos teatrais é editada pelo selo Biblioteca Paraná e traz autores que participaram do Edital de Dramaturgia coordenado pelo Centro Cultural Teatro Guaíra em 2015. O projeto visa à reativação do Teatro de Comédia do Paraná (TCP), que durante 11 anos (entre as décadas de 1960 e 1970), foi a maior vitrine das artes cênicas do Estado.

A peça vencedora, *O homem desconfortável*, de Edson Bueno, será montada (com direção de Alexandre Reinecke) e estreia em 1º de julho, quando o livro será lançado. Outros quatro textos selecionados pelo júri do edital fazem parte da obra: *Janaína, não seja boba*, de Roberto Innocente, *Dinâmica de grupo ou o rato, a vaca, o porco e a galinha*, de Luan Maciel, *Pensamentos a serem evitados no leito de morte de uma criança*, de Lucas Komechen e *Guerra de saias*, de Domingos Pellegrini.

Para o secretário João Luiz Fiani, o TCP é uma conquista dos artistas do Estado e sua volta dá visibilidade a novos e consagrados dramaturgos do Paraná. "Durante décadas, o TCP foi o grande incentivador do teatro no Paraná e responsável pela produção de ótimos espetáculos, revelando diretores e atores. Mais do que a valorização dos autores locais, esta publicação também deixa clara aos leitores a pluralidade de vozes da dramaturgia contemporânea paranaense", diz.

O crítico Valmir Santos, que escreve a orelha do livro e foi um dos jurados do edital, segue na mesma linha de Fiani ao apontar a polifonia de vozes e linguagens apresentada pelos autores. "Publicar esta seleta constitui gesto político-cultural. A dramaturgia vem ressignificando seu lugar no panorama recente do país que divisa a hegemonia do encenador na construção do espetáculo, na década de 1990, e a ascensão do teatro de grupo nos anos 2000, evidenciada pela criação colaborativa. O texto, de fato, nunca foi tão polifônico no centro da cena."

Vinte e quatro projetos foram inscritos no Edital e analisados pela comissão composta por Valmir Santos (jornalista e crítico), Marino Júnior (presidente do Instituto Curitiba de Arte e Cultura — ICAC), Laura Chagas (professora da Universidade Estadual de Maringá — UEM), Paulo Braz (curador do Festival Internacional de Londrina — Filo), Rogério Pereira (diretor da Biblioteca Pública do Paraná) e Alexandre Reinecke (diretor de teatro).

História

O Teatro de Comédia do Paraná surgiu em 1963, com a finalidade de orientar e coordenar as atividades teatrais do Guaíra. O primeiro diretor do grupo foi Cláudio Correa e Castro, que montou *Um elefante no caos*, de Millôr Fernandes. No elenco estavam Paulo Goulart, Nicete Bruno, Lala Schneider, Sale Wolokita, Manuel Kobachuk, José Maria Santos e Joel de Oliveira.

O TCP atuou durante 11 anos consecutivos e chegou a produzir até cinco espetáculos em apenas um ano. Em 1974, o grupo inaugurou o auditório Bento Munhoz da Rocha Netto (Guairão), com a peça *Paraná, terra de todas as gentes*, de Adherbal Fortes com direção de Maurício Távora.

Também foram diretores do TCP Emilio Di Biasi (*O Contestado*), Oraci Gemba (*O carrasco do sol*), Ademar Guerra (*Colônia Cecília*), Volker Quandt e Joana Lopes (*Vamos transar*), Fátima Ortiz (*O menino maluquinho*), Lala Schneider (*A sedução*), Euclides Souza (*A nuvem apaixonada*), Celso Nunes (*A vida de Galileu*), Marcelo Marchioro (*As bruxas de Salém*), Edson Bueno (*New York*, por Will Eisner), Hugo Mengarelli (*O incrível retorno do Cavaleiro Solitário*), Flávio Stein (*Barca de Venezia per Padova*), Gabriel Villela (*A aurora da minha vida*), Felipe Hirsch (*Os incendiários*), Moacir Chaves (*Memória*) e Mariana Percovich (*Medea material*). Alguns desses diretores foram responsáveis por mais de uma montagem. ■

O homem desconfortável

O fragmento publicado pelo **Cândido** integra a peça de Edson Bueno, vencedora do Edital de Dramaturgia promovido pela Secretaria de Estado da Cultura

Escritório de trabalho de Ricardo, publicitário.

Ao telefone.

RICARDO

Alô! Alô! Dona Ana Lúcia, por favor, sai da outra linha que eu estou falando com a consultora de marketing, por favor! Tudo bem, tudo bem que eu tenho hora marcada, mas será que a "pessoa" não pode esperar cinco minutos? Quem é? Aliás, ontem não repassamos a agenda de hoje, não é D. Ana Lúcia? Mário Eduardo? Quem é esse cara? Modelo? Para o projeto Batman? A agência mandou? Tem cara boa? De homem? Tá bom, então manda ele esperar uns cinco minutos que eu já atendo. Alô? Alô? Maria Fernanda? Desculpe, amor, eu estava resolvendo um probleminha de última hora. Escuta, você ainda tem dúvidas de que o Batman é um excelente garoto propaganda para produtos farmacêuticos? Não, Maria Fernanda, não leve pra esse caminho, esse negócio de viadagem é irrelevante. Não existe prova concreta de que o Batman é gay! Importante é que ele é um neurótico! Se o Batman toma tranquilizantes, todo mundo também vai tomar. É óbvio. Tem que pensar mais um pouco? Tudo bem, você é quem sabe. Você pode ter um produto top de linha e gastar o dinheiro justo e pode ter uma merda de um produto e gastar uma merreca! Claro que eu sei que você sabe disso melhor do que ninguém! Agora, um produto top de linha por uma merreca, impossível! Se você quer ter uma Angelina Jolie tem que, no mínimo, ser um Brad Pitt! Ok! Ok! Eu espero até amanhã, não tem tanta pressa assim... Um beijo! (*Segura o telefone*) Gostosa! Essa mulher é tudo! Até quando banca a arrogante sabe tudo! (*Ao telefone*) D. Ana Lúcia, pode entrar. (*Larga o telefone*) Espera aí! Hoje à noite tenho que achar um jeito de assistir ao tal filme argentino. (*Vai ao notebook*) Em que ponto eu estava do romance -reportagem? Minha mãe do céu! Mal consigo enxergar a fonte 12. Vamos lá, vamos lá... Editar, selecionar tudo... Deixa ver, fonte 16... Assim está melhor... Aqui! Credo! Não consigo enxergar mais a fonte 12!

Entra Dona Ana Lúcia.

ANA Lúcia

O rapaz está inquieto.

RICARDO

Estou ficando cego, D. Ana Lúcia, cego! Marcou consulta com o oftalmologista?

ANA LÚCIA

É "a" oftalmologista, Dr. Ricardo! Chama-se Dra. Carolina Marques!

RICARDO

É boa?

ANA LÚCIA

Foi o senhor que pediu. Diz que sua ex-mulher recomendou.

RICARDO

Ah, é uma amiga dela. Deve ser boa. Se não for também, mais míope do que já sou ela não vai me deixar. D. Ana Lúcia, quer, por favor, colocar ordem aqui nesta agendinha que eu montei à caneta? Eu já nem sei a que horas eu posso sair hoje. Aliás, eu já almocei?

ANA LÚCIA

Já.

RICARDO
Ótimo! Era comida engordurada?

ANA LÚCIA
Um número 5 do McDonalds!

RICARDO
Caralho!

ANA LÚCIA
Não se preocupe! Se alguém perguntar, digo que o senhor almoçou no restaurante suíço ou no francês ou no japonês mais caro da moda!

RICARDO
Tenho que voltar a fazer musculação. A barriga, D. Ana Lúcia, a barriga! Lembre-se, D. Ana Lúcia: apesar das aparências, sushi e sashimi engordam!

D. Ana Lúcia vai colocar ordem na agenda. A Dra. Carolina Marques entra.

CAROLINA
Quanto tempo faz que o senhor não consulta um oftalmologista?

RICARDO
Bem uns três anos.

CAROLINA
Está vendo aquele quadro ali?

RICARDO
Que quadro?

CAROLINA
Isto é sério, doutor Ricardo!

RICARDO
Estou vendo.

CAROLINA
Pode distinguir as letras da primeira coluna?

RICARDO
Z, T, V, X, H.

CAROLINA
E da segunda?

RICARDO
Praticamente nada.

Toca o telefone. D. Ana Lúcia atende.

RICARDO
Coisa grave?

CAROLINA
Nada que um par de óculos não resolva.

RICARDO
Está louca? Óculos envelhecem!

CAROLINA
Que é que o senhor quer, Dr. Ricardo? Veio aqui pra quê?

RICARDO
Sexo, Dra. Carolina, sexo!

CAROLINA
Tô entendendo não!

RICARDO
Sabe há quanto tempo eu não vejo uma mulher nua? Mais de seis meses. Portanto, o melhor que a senhora tem a fazer é tirar a roupa aqui e agora!

CAROLINA
Dr. Ricardo!!!

ANA LÚCIA
Dr. Ricardo! Sua mãe ao telefone!

RICARDO
Só um instantinho!
Ele vai ao telefone.

CAROLINA
(Para Ana Lúcia)
Ele falou sério?

ANA LÚCIA
Falou. Mas você não precisa levar a sério.

CAROLINA
Seis meses? Não é meio demais?

RICARDO
(Ao telefone) Alô! Mamãe? Desculpe mas a minha agenda hoje está infernal! Escuta, mamãe, a senhora compraria um produto farmacêutico vendido pelo Batman?

MÃE
Depende.

RICARDO
Depende do quê?

MÃE
Sabe a única coisa que me interessa numa farmácia, não?

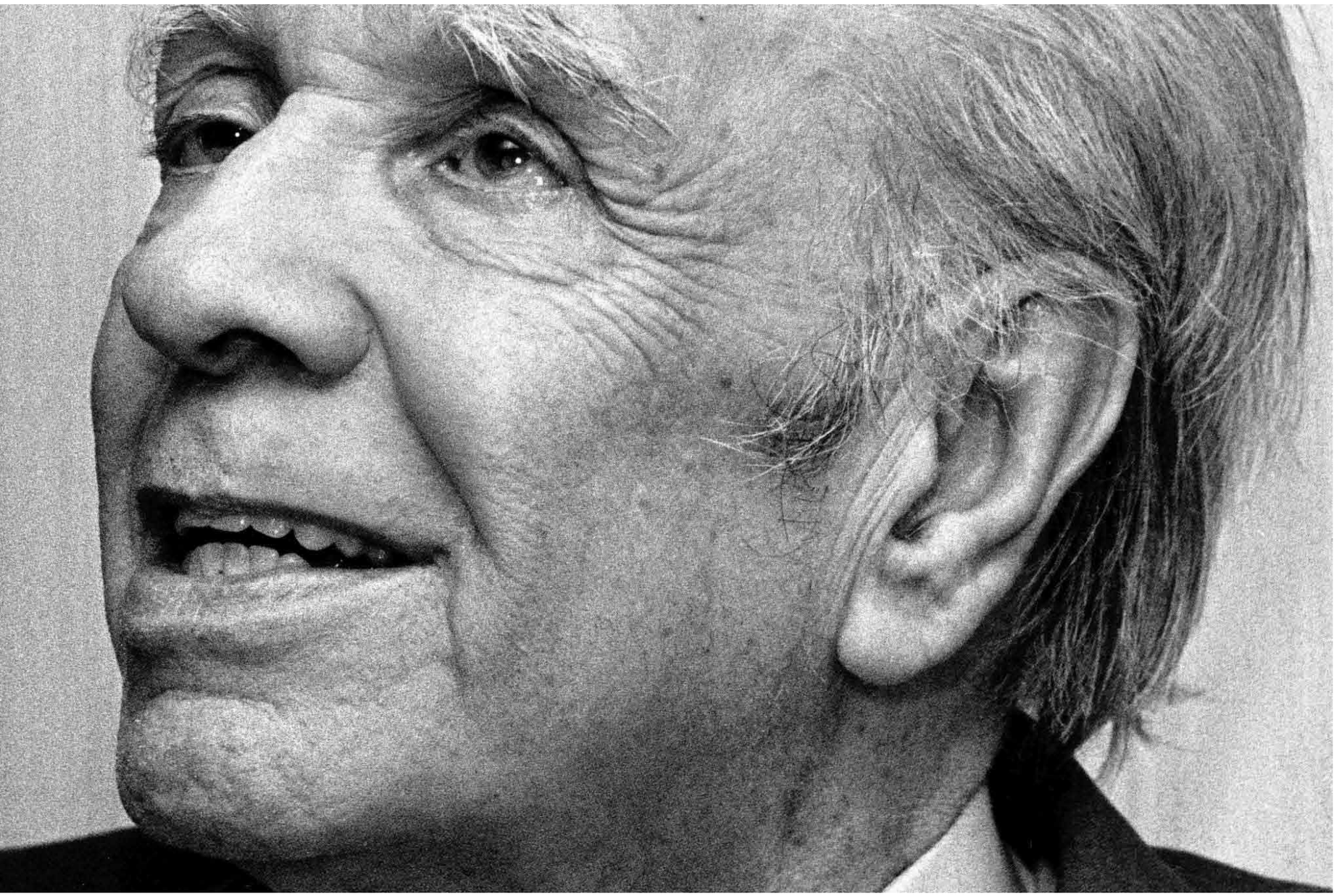
RICARDO
Claro! Tudo o que fizer bem ao seu corpo e sua mente.

MÃE
Tem dias em que eu me sinto com o corpo de uma leoa e a mente de uma galinha. Você tem aí um produto que possa inverter isto?

Edson Bueno é autor, diretor e ator de teatro. Nasceu em Curitiba (PR), em 1955, cidade em que reside atualmente. Iniciou sua carreira artística em 1982. Desde então, já dirigiu mais de 100 peças, entre adaptações literárias e textos originais. Recebeu 17 troféus Gralha Azul, premiação que elege os melhores trabalhos do teatro paranaense, além de dois Kikitos no Festival de Gramado (Roteiro).

CRÔNICA | IURI MÜLLER

NO TE GUSTABA EL FÚTBOL



Jorge Luis Borges é reconhecidamente um dos maiores escritores latino-americanos. Porém, nunca se encantou pelo futebol. Nesta crônica, o jornalista **Iuri Müller** fala sobre aquilo que perdemos graças à aversão de Borges ao esporte bretão, simulando uma conversa ou uma carta enviada ao mestre da ficção argentina e mundial

Sei dos teus motivos, mas ainda assim não posso aceitar a tua recusa. Eu estive em Liniers e vi a iluminação noturna, uma larga cadeia de lâmpadas amarelas a se misturar com a procissão de homens e mulheres que caminhavam, de azul e branco, em direção ao José Amalfitani. Horas depois, voltariam para casa a pé (para Villa Luro, para Floresta), uma história ou uma lembrança movendo cada passo, as lâmpadas amarelas enfrentando, por sua vez, a noite já escura. Pareceu-me, novamente, que haveria algo a se dizer sobre estas imagens, e que tu poderias dizer com mais clareza do que qualquer um de nós.

E a cidade antiga, a que tu cantavas em *Cuaderno San Martín*, a tão buscada Buenos Aires de ontem e que evapora um pouco mais a cada dia, essa cidade por acaso não estava todo o tempo ao teu lado, nas arquibancadas amarelas de Villa Crespo, onde centenas de judeus, todos os domingos, se aglomeravam para ver com os próprios olhos o time do bairro? Se Baruch Espinosa, teu filósofo preferido, tivesse por acaso nascido pelas redondezas, ele seria torcedor do Atlanta, nós dois sabemos, e depois de cada jogo iria ao bar do velho Linch, aquele que sabe recitar todas as escalações do clube desde algum momento impreciso dos anos 1930.

Os temas, os teus temas, que ironia, sempre estiveram dentro de um estádio, era só ter comprado um ingresso (vinte pesos e vamos os dois na popular, se queres companhia) e deixar que os acontecimentos se aproximem, pois sempre que estamos num lugar assim algo irá nos acontecer. Não enxergas a coragem de arrabalde daquele lateral direito do Platense, o moreno que completou o jogo inteiro com um corte imenso na maçã do rosto? E a vingança matemática, arquitetada ao longo de sete meses por Domínguez, o zagueiro do Almagro que esperou o campo embarrado pelo outono para marcar para sempre, com uma cotovelada, o nariz de Acevedo, o ponteiro corredor que jogava no Temperley? Isso se deu numa tarde nublada, bem perto do rio, e creio também que o cenário teria te agradado: um bairro de ruas estreitas, casas com luz de pátio, um compadrito que fuma numa esquina pouco antes de adentrar o armazém.

Aqui estão todas as tuas obsessões: cada técnico à beira do gramado é um jogador de xadrez na biblioteca, a arquibancada visitante é o nosso labirinto, e não há melhor modo de sentir a passagem do tempo como perceber que, após dois rebaixamentos e longas temporadas no Ascenso, o Ferro Carril Oeste está de volta à Primeira e batalha para ser campeão. Que lástima que este jogo não te encanta, Borges. Ainda posso te imaginar (é um velho delírio meu) numa das tribunas do Palacio Ducó, no sul da cidade de Buenos Aires, a observar em silêncio o Huracán em campo, o clube dos teus sonhos e amores. Também sei que, de pouco em pouco, tu desviarias o olhar do gramado para contemplar os rostos na arquibancada, os desenhos no céu, a cidade que se transforma lá fora, e isso tudo com os teus olhos perplexos e frágeis. ■

Iuri Müller é jornalista. Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), vive e escreve em Porto Alegre.

ENSAIO | LUCIANA GUISS

CLIQUES EM CURITIBA

Luciana Guiss é fotógrafa e assessora de magistrada. Foi voluntária e coordenadora do projeto social fotográfico Help-Portrait CWB (2012-2015). Formou-se em fotografia no Omicron em 2015, após ser selecionada na convocatória "Foto em Pauta na Rua", do 4º Festival de Fotografia de Tiradentes (2014). As fotos desta edição fazem parte da série #NoCaminho, publicadas a partir do Instagram da fotógrafa (@luguiss). A série surgiu de forma despretensiosa, para marcar a sempre existente – mas nem sempre percebida – beleza dos cenários do cotidiano.

POEMAS | RUY ESPINHEIRA FILHO

Ilustração: **Bianca** Franco

ESSES TANTOS POETAS

Esses tantos poetas.
Esses tantos geniais poetas.
Como um vento poderoso soprando
de todos os lugares,
e de eras
imemoráveis.

E aqui recebemos esses poetas,
que às vezes não sabiam que eram poetas,
muito menos poetas geniais
como Shakespeare, dizem
alguns dos seus cultores
(os detratores não contam,
pobres atores que gesticularam em cena
uma hora ou duas e se tornaram
pó na história de som e fúria
contada por um idiota,
significando nada,
como disse o pobre
Macbeth).

Não, não se sabiam poetas,
e muito menos geniais,
esses poetas.
Como não sabemos o que podem valer agora
nossos traçados no papel.

Que provavelmente não são nada.

Mas, seja como for, podemos aspirar
esse vasto e luminoso vento que sopra
de todos os lugares
e,
porque o aspiramos,
conforma as nossas almas,
ao menos um pouco,
à sua imagem e
semelhança.

BALEIAS, DRAGÕES

Quando chegarem as baleias
não estaremos mais aqui.
Porque este deserto não será
mais deserto, será,
como antes,
um oceano.

E, infelizmente,
não estaremos mais aqui.

Já podemos, pois, ter saudade antecipada
das baleias.

Como temos dos dragões,
que certamente só estarão de volta
quando esta terra
(ex-rio de lava,
ex-bloco de gelo,
ex-deserto,
ex-oceano)
for uma vasta cadeia de montanhas
de cujas alturas
se erguerão os belos voos
de vastas asas deixando atrás uma trilha de fumo
azul.

Aqueles voos...

Os imensamente belos voos...

Quando também,
infelizmente,
não estaremos mais aqui.

Ruy Espinheira Filho é poeta, ficcionista, jornalista e ensaísta. Uma seleção de seus poemas, organizada por Sérgio Martagão Gesteira, foi publica em 2011 na coleção *Melhores Poemas*, da editora Global. Em 2016, publicou a coletânea de poemas inéditos *Milênios e outros poemas*, pela editora Patuá. Vive em Salvador (BA).